



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



MARISTELA BLEGGI TOMASINI

**MEMÓRIA SOCIAL EM CARTAS DE AMOR:
SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES
NA PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1920**

CANOAS, 2012

MARISTELA BLEGGI TOMASINI

**MEMÓRIA SOCIAL EM CARTAS DE AMOR:
SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES
NA PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1920**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE como requisito para obtenção do grau de mestre.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Nádia Maria Weber Santos

Coorientação: Prof^a. Dr^a. Cleusa Graebin

CANOAS, 2012

MARISTELA BLEGGI TOMASINI

**MEMÓRIA SOCIAL EM CARTAS DE AMOR:
SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES
NA PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE 1920**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE como requisito para obtenção do grau de mestre.

Aprovado pela banca examinadora em 18 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Nádia Maria Weber Santos
Unilasalle

Prof^a. Dr^a. Cleusa Graebin
Unilasalle

Prof^a. Dr^a. Zilá Bernd
Unilasalle

Prof^a. Dr^a. Márcia Ivana de Lima e Silva
UFRGS

Prof^a. Dr^a. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Unilasalle

Dedico este trabalho...

... a Paulo Roberto Hernande, amigo querido, que me fez presente das cartas de Francisco, tornando-me depositária das memórias de um amor;

... a Vera Lucia Machado Barcelos, Verinha, amiga querida, cujo apoio e amizade me permitiram a conclusão deste Mestrado.

...a Jacira Gil Bernardes, todo o meu reconhecimento, pelo apoio e amizade.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... a Nádía Maria Weber Santos, minha orientadora, pelo incentivo, paciência, carinho, e sem a qual as cartas de Francisco permaneceriam mudas;

... a todos os meus professores, em especial, a Cleusa Maria Graebin, coorientadora e iniciadora na senda da metodologia, a Zilá Bernd, pela especial atenção e constante estímulo na prática da escrita, a Aline Accorssi, pelo entusiasmo contagiante com que compartilha os saberes que transmite;

... a todos os colegas, pelo companheirismo e pela generosidade, em especial, às queridas Ana Lúcia Ramires, Aninha, Eliana Huber e Jacira Gil Bernardes;

... a todos os colaboradores da Instituição Lasalle, especialmente junto à Secretaria do Mestrado, as queridas Sílvia Adriana da Silva Soares e Fransciély Valladas Velasques, pela presteza com que desempenham suas tarefas, sempre com simpatia e seriedade.

... a Celso Mathias, editor da Revista Vida Brasil, e a todos os seus leitores;

... a todos os que estiveram perto de mim durante os momentos difíceis pelos quais passei neste ano de 2012.

“As sensibilidades são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada”.

(Sandra Jatahy Pesavento, 2005)

RESUMO

Este trabalho se insere no campo da História Cultural, tendo como tema central memória social, sensibilidades e sociabilidades. Sua fonte consiste em cartas de amor escritas em Porto Alegre durante a década de 1920, documentos que envolvem pessoas reais, cuja identidade é aqui preservada. A pesquisa teve por objetivo construir o processo de memória social a partir das cartas, identificando manifestações de sensibilidades e de sociabilidades típicas da Porto Alegre de então — 1922 a 1926 — com base em elementos de memória indicados na correspondência. Primeiramente foi contextualizada a fonte, para registro de sua história, e fixação da trajetória de suas transmissões patrimoniais. Procedeu-se à sistematização da fonte para estabelecer um plano classificatório voltado à organização dos dados, ao estabelecimento de categorias e à descrição dos conteúdos, visando aos objetivos apontados, bem como à construção do produto final, *O Diário de Francisco*, uma criação de ordem literária e artística (conto) inspirada em referências constantes das cartas. Os conteúdos dos capítulos subsequentes à classificação do corpus documental consistem na identificação de elementos da subjetividade que aparecem nas cartas (escritas de si) de Francisco para Maria, respaldando sensibilidades e sociabilidades na década de 1920, e de elementos do urbano, ressaltando a cidade de Porto Alegre, onde se deu esta troca epistolar.

Palavras-chave: Cartas de amor. Memória social. Sensibilidades. Sociabilidades. Escritas de si. Porto Alegre na década de 1920.

ABSTRACT

This work belongs to the field of Cultural History, whose central theme social memory, sensitivities and sociability. Your source consists of love letters written in Porto Alegre during the 1920s, documents involving real people, whose identity is preserved here. The research aimed to construct the process of social memory from letters, identifying expressions of sensitivities and sociability typical of Porto Alegre then - from 1922 to 1926 - based on memory elements indicated in the correspondence. First was contextualized to the source, to record their history, and setting the trajectory of their capital transfers. Proceeds to the systematization of the source to establish a plan aimed at classifying data organization, the establishment of categories and the description of contents, aiming at the objectives mentioned, as well as the construction of the final product, The Diary of Francis, a creation of order literary and artistic (short story) inspired by references in the letters. The contents of the subsequent chapters the classification of documentary corpus, consist in identifying elements of subjectivity that appear in the letters (self writing) for Mary Francis, endorsing sensitivities and sociability in the 1920s, and urban elements, highlighting the city Porto Alegre, where has this epistolary exchange.

Keywords: Love letters. Social memory. Sensitivity. Sociability. Self writing. Porto Alegre in the 1920.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conjunto 01.....	32
Quadro 2 – Conjunto 02.....	33
Quadro 3 – Conjunto 03.....	34
Quadro 4 – Conjunto 04.....	34
Quadro 5 – Conjunto 05.....	35
Quadro 6 – Conjunto 06.....	36
Quadro 7 – Conjunto 07.....	37
Quadro 8 – Conjunto 08.....	37
Quadro 9 – Conjunto 09.....	38
Quadro 10 – Conjunto 10.....	38
Quadro 11 – Conjunto 11.....	39
Quadro 12 – Conjunto 12.....	40
Quadro 13 – Conjunto 13.....	40
Quadro 14 – Conjunto 14.....	40
Quadro 15 – Conjunto 15.....	41
Quadro 16 – Conjunto 16.....	41
Quadro 17 – Conjunto 17.....	42
Quadro 18 – Conjunto 18.....	42
Quadro 19 – Conjunto 19.....	43
Quadro 20 – Conjunto 20.....	44
Quadro 21 – Conjunto 21.....	44
Quadro 22 – Conjunto 22.....	44
Quadro 23 – Conjunto 23.....	45

Quadro 24 – Conjunto 24.....	45
Quadro 25 – Conjunto 25.....	46
Quadro 26 – Conjunto 26.....	46
Quadro 27 – Conjunto 27.....	47
Quadro 28 – Conjunto 28.....	47
Quadro 29 – Conjunto 29.....	47
Quadro 30 – Conjunto 30.....	48
Quadro 31 – Conjunto 31.....	48
Quadro 32 – Conjunto 32.....	49
Quadro 33 – Conjunto 33.....	49
Quadro 34 – Conjunto 34.....	50
Quadro 35 – Conjunto 35.....	50
Quadro 36 – Conjunto 36.....	50
Quadro 37 – Conjunto 37.....	51
Quadro 38 – Conjunto 38.....	51
Quadro 39 – Conjunto 39.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O CORPUS DOCUMENTAL E SEU TRATAMENTO METODOLÓGICO.....	29
2.1	O recorte e seus critérios de classificação.....	29
2.2	A construção do quadro classificatório.....	31
3	A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE MEMÓRIA SOCIAL A PARTIR DAS CARTAS DE FRANCISCO.....	54
3.1	Cartas, escritas de si.....	60
3.2	Sensibilidades e sociabilidades apontadas nas fontes.....	62
4	PORTO ALEGRE IMAGINADA. SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE ONDE O AMOR ACONTECE.....	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	PRODUTO FINAL — CONTO — O DIÁRIO DE FRANCISCO.....	86
	REFERÊNCIAS.....	103
	ANEXO – Cartas transcritas do original.....	105

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por tema memória social, sensibilidades e sociabilidades. Seu objeto são cartas de amor, e sua fonte consiste em um corpus documental constituído de correspondência — predominantemente cartas de amor — escritas por Francisco e remetidas para Maria entre 1922 e 1926. Tais cartas integram uma coleção particular de objetos que foram descartados, terminando em mãos de um antiquário. Com a finalidade de esclarecer a origem, tanto da fonte desta dissertação — seu corpus documental — quanto da coleção integrada por este último, é importante registrar sua história.

Não é incomum que antiquários venham a ter em mãos, não apenas móveis, utensílios domésticos, objetos decorativos, artigos de vestuário e outras coisas de uso pessoal, mas também bibliotecas e documentos, verdadeiros arquivos que sofrem descarte, a mais das vezes em razão de um óbito, mudança de domicílio, falta de espaço e mesmo por resoluções pessoais de livrar-se de coisas acumuladas que perdem sentido ou razão de ser, coisas que, enfim, têm significado esgotado para seu possuidor. A história que envolve a coleção de documentos, da qual fazem parte as cartas de amor que serviram de fonte a esta dissertação não fugiu à regra.

Foi durante a década de 80 que Paulo Roberto Hernande, antiquário, foi chamado para avaliar móveis e objetos pessoais que haviam pertencido a uma pessoa idosa, do sexo feminino, então recentemente falecida. Os parentes precisavam desocupar o imóvel, situado no centro de Porto Alegre. É comum àquele que compra móveis em tais circunstâncias, que acabe também adquirindo outras coisas sem utilidade para o vendedor, muitas vezes, com pressa de esvaziar uma peça da casa ou mesmo o próprio imóvel. Antiquários acabam comumente na posse de toda espécie de coisas, inclusive objetos muito particulares e significativos para

quem os conservou por toda a vida, mas absolutamente irrelevantes para quem, na prática, não pode se dar ao luxo de guardar senão o que lhe é útil. Este caso exemplifica concretamente tal afirmação. Havia uma coleção de objetos pertencentes à pessoa falecida, e não interessava a nenhum dos parentes sua preservação. Dessa sorte, acabaram na posse do antiquário juntamente com os móveis então adquiridos ao espólio.

Da coleção constavam documentos de tipologia variada: dezenas de cartas, cartões, fotografias, fitas, bilhetes, enfim, um arcabouço de recordações colecionadas ao longo de muitos anos, mas que nenhum valor comercial apresentavam para o antiquário como comerciante que, ainda assim, guardou com ele a coleção.

Nos anos 90, este mesmo antiquário abriu uma loja chamada *O Pé da Múmia*, referência bastante esclarecedora para quem conhece a obra homônima de Théophile Gautier¹, um lugar empoeirado e repleto dos mais estranhos objetos, fragmentos que desafiam nossa sensibilidade e nossa imaginação. Não mais fazendo parte do que é útil e do que se é obrigado a lembrar por alguma espécie de dever de memória, os bric-à-brac mostram-se tentadoras fontes onde jazem despojos do esquecimento, e sabe-se lá o que não existe ali à espera de algum imponderável.

A loja *O Pé da Múmia* funcionou por quase cinco anos no bairro Floresta, em Porto Alegre e, durante este período, Paulo Roberto e a autora desta dissertação deram início a uma relação de amizade. O estabelecimento, contudo, precisou ser fechado, quando a locação do imóvel não mais se mostrou conveniente ao senhorio. Paulo Roberto Hernande precisou, então, ele próprio desfazer-se de muitos objetos,

¹Gautier, em 1840, escreveu este conto, do qual se destaca a seguinte passagem que bem descreve esse ambiente, esse “algo que participa, ao mesmo tempo, da casa de ferro-velho, da loja do tapeceiro, do laboratório do alquimista e do *atelier* do pintor. Estabelece-se num desses antros misteriosos, cujos postigos deixam filtrar uma prudente meia-luz, e o que há ali de mais notoriamente antigo é a poeira. As teias de aranha são mais autênticas que as *guipures*, e a madeira velha de pereira é mais nova do que o mogno que ontem chegou da América”. (Gautier, 1957, p. 217)

especialmente daqueles que não tinham qualquer valor comercial. Dentre estes últimos, estava justamente a coleção de documentos adquiridos na década de 1980, fruto da desocupação daquele apartamento situado no centro de Porto Alegre. Sensível ao conteúdo, cujo teor ele não ignorava, Paulo Roberto confiou toda a coleção justamente à autora. Chamou-a e, mostrando-lhe uma sacola plástica opaca e empoeirada, confidenciou-lhe estar ali alguma coisa da qual ela gostaria muito e, certamente, saberia o que fazer de tudo aquilo. Isso ocorreu no início da década de 1990.

A partir dessa terceira transmissão patrimonial, toda a coleção foi lida e guardada, tendo-se a preocupação de não desmembrá-la, para que se mantivesse tal e qual fora recebida das mãos do antiquário. Além de cartões, algumas fotografias, notas fiscais, embalagens, santinhos, fitas, exames médicos e cartas de família em geral, chamava a atenção um conjunto de cartas de amor, a maioria sem envelope, mas muitas delas ainda guardadas dentro deles, algumas seladas e com carimbo, outras sinaladas como tendo sido entregues em mãos. Eram cartas, cartões e poesias que um Francisco reiteradamente enviava para uma Maria, pessoas reais de quem, todavia, foram preservados os nomes completos. O conjunto documental, composto de centenas de itens, mostrava-se não apenas curioso como ainda raro, de certo modo, precioso, uma vez que a coleção abrangia considerável período temporal. Ali estavam décadas de registros pessoais e uma história de amor passada na cidade de Porto Alegre.

Essa coleção, em que pese lida e preservada, sempre foi objeto de inquietação para sua atual proprietária, ciente de seu valor como fonte preciosa de informações. Todavia, apenas em 2011, com a oportunidade oferecida por esse Mestrado e o precioso incentivo da Orientadora e da Coorientadora deste trabalho, surgiu a oportunidade de trazer à luz ao menos parte da coleção, tomando a correspondência de Francisco para Maria como fonte desta dissertação, fonte que permeia tema e objeto, balizando uma pesquisa que se justifica, a começar, pela importância das cartas de amor para o pesquisador.

A fonte da dissertação já existia — consistindo nas cartas de amor que Francisco escreveu para Maria; o objeto, por si só, fazia-se adivinhar — cartas de amor; o tema, porém, por incrível que possa parecer, embora sempre estivesse bem

ali, levou algum tempo para ser formulado nos termos escolhidos para a presente dissertação — memória social, sensibilidades e sociabilidades. As cartas contêm o tema. Elas apontaram para a memória social, apontaram sensibilidades e sociabilidades.

Esse novo paradigma que surge então levou a que se procedesse a uma escolha que consistiu no recorte de parte da coleção, a fim de que se pudesse, a partir de um número restrito de cartas, aprofundar o tema. Na medida em que toda coleção vinha sendo objeto de leitura e de reflexão durante muitos anos, não foi difícil perceber que era possível descartar do conjunto todos os documentos que historiavam o início e o fim da fase epistolar do namoro entretido entre Francisco e Maria, documentos estes que vão de 1922 a 1926, quando decidem pôr fim à correspondência.

A fonte, assim delimitada, consiste em registro de uma experiência individual, da qual se pretendeu extrair, todavia, dados que informam características sociais e culturais comuns à época durante a qual tais documentos foram produzidos. Na medida em que a narrativa se prende a um contexto histórico de onde se extraem registros do cotidiano de uma época, sobretudo, de comportamentos, sensibilidades e sociabilidades, identifica-se memória social, bem como se pode pressentir a presença do urbano no imaginário de Francisco, que teve em Porto Alegre a cidade onde seu amor aconteceu.

Francisco, ao escrever para Maria, é sujeito e é objeto da própria narrativa, e registra olhares que são tanto seus quanto de outros incontáveis Franciscos que amaram suas Marias, na década de 1920 em Porto Alegre. Existiram, por algum tempo, em uma cidade, local do qual possuem memória, e isso nos conduz a tempo e lugar. Ainda que a carga subjetiva representada pela emoção seja inapreensível em si, não o é como ideia que a palavra transmite, constituindo-se a narrativa em dado concreto, em objeto e fonte apropriada à serventia das ciências humanas.

O que se busca, contudo, não é a verdade biográfica e histórica particular, seja ao remetente, seja à destinatária das cartas. Trata-se de olhar as cartas com olhos de encontrar nelas fragmentos de um contexto geral que se prende à memória, sensibilidades e sociabilidades, elementos inerentes à História Cultural. Se somarmos a isso o fato de o autor das cartas ter sido um homem de gosto refinado e

rara sensibilidade, hábil escritor e devotado entusiasta de sua amada, de haver anotado fielmente o que se passava em seu interior, *locus* onde se encontra sua Maria, praticamente elaborando um diário de si enquanto amante, não existe espaço para hesitação. A pesquisa mostra-se instigante. Basta ver o quanto de produções artísticas têm como objeto o amor romântico, sentimento que capitaliza grande interesse, especialmente no que concerne a produções culturais, não se restringindo apenas à subjetividade individualista de um ou outro.

Eis, pois, vencida a primeira etapa: delimitada a fonte, escolhido o objeto, ambos insertos no tema, restava ainda saber se efetivamente tudo isso apresentava suficiente interesse para que daí pudesse surgir uma pesquisa que fosse relevante do ponto de vista acadêmico. Enfim, era preciso justificar, encontrar razões que pudessem fazer com que 39 documentos de caráter privado servissem de objeto a uma dissertação de mestrado, projetando seu interesse para muito além das restrições pessoais e altamente subjetivas que envolveram as relações entre remetente e destinatária, relações estas, todavia, de que as cartas dão testemunho documental.

Como milhares de outros Franciscos e Marias, remetente e destinatária dessas cartas mantiveram um romance também epistolar. A grande questão, todavia, não fica apenas nisso, mas envolve ainda a forma como esse romance chega até nós. Importa, pois, que se aborde o descarte, que justifica a própria pesquisa. Esta última envolve a trajetória de uma coleção de objetos que passou por sucessivas mudanças de titularidade, o que já implica e sugere que haja toda uma preocupação com a preservação de arquivos privados, mesmo aqueles inerentes a simples pessoas do povo, que importam enormemente ao pesquisador, quando mais não sendo se o seu objetivo for o de pesquisar sensibilidades e sociabilidades inerentes a determinado tempo e lugar.

Cartas, inclusive as de amor, são uma fonte relevante para o pesquisador, seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito profissional voltado à cultura. A raridade das cartas manuscritas por Francisco, como conjunto que perpassa considerável espaço de tempo, com referências a costumes da época, referências a livros, a escritores e hábitos, todas essas coisas que tinham lugar em Porto Alegre,

contribuem também para justificar a pesquisa, pois remete a sensibilidades e sociabilidades especialmente urbanas durante a década de 1920.

O conteúdo das cartas, por sua vez, em sua subjetividade profunda, provoca, por parte do leitor, não raramente, identidade e mesmo alteridade, por força de um elo sensível, essencial, dir-se-ia, em qualquer tentativa de abordagem ao que se entende como memória social. Em se tratando de ciências humanas, o território das subjetividades não é proibido. Trata-se de identificar, apesar do tempo passado, elementos reconhecidos como comuns através de um processo de identidade que descobre um verdadeiro sistema de representações.

Finalmente, o interesse pessoal da autora, proprietária da coleção, que a conserva há muitos anos e para quem a pesquisa representou, não apenas a satisfação pessoal de compartilhar com outras pessoas esse raro e precioso material, mas que ainda empreendeu uma verdadeira interrupção de sua carreira pessoal voltada à advocacia e ao Direito, com seu ingresso em outra área de saber. Seja, ainda — por que não? — para dar a devida satisfação a um presente dado com carinho e desprendimento, na expectativa de que a autora, enfim, soubesse o que fazer com ele.

Com a pesquisa, entretanto, surgiram os problemas. Cartas de amor, por serem únicas e particulares, envolvem tão-só remetente e destinatário, e isso leva a que se indague sobre sua importância para o pesquisador que as toma como fonte de estudo capaz de gerar dados universais.

Cartas de amor podem servir de fonte para construção de memória social? Qual sua importância para o pesquisador? Como classificar as cartas de Francisco para Maria, organizando as fontes de forma a facilitar a pesquisa em termos de memória social, sensibilidades e sociabilidades? As cartas de amor que Francisco escreveu para Maria servem à finalidade de permitir ao pesquisador o resgate de elementos de memória social? É possível apresentar sensibilidades e sociabilidades inerentes a determinado espaço e tempo urbanos, a partir de memórias individuais constantes das cartas que Francisco escreveu para Maria entre 1922 e 1926? Tais memórias refletem memória social? É possível construir literatura a partir das informações encontradas nas fontes?

A partir daí, como objetivos gerais temos: demonstrar a relação entre cartas de amor e memória social, resgatando sensibilidades e sociabilidades na Porto Alegre da década de 1920. Os objetivos específicos foram: identificar elementos da subjetividade de Francisco que aparecem no corpus documental (escritas de si), respaldando as sociabilidades e as sensibilidades pesquisadas; identificar os elementos do urbano relativos a sensibilidades e sociabilidades a partir do corpus documental; construir ficção literária, com a escrita de um conto permeado de indicativos concretos extraídos das cartas, onde se farão presentes sensibilidades e sociabilidades de uma Porto Alegre da década de 1920.

No que tange ao referencial teórico utilizado nesta dissertação, começamos por aqueles que contemplam o estudo de cartas e também o espaço privado que compreende esse tipo de arquivos. A propósito, nesse sentido, temos o

[...] novo espaço de investigação histórica — aquele do privado, de onde deriva a presença das mulheres e dos chamados homem “comuns” — e os novos objetos, metodologias e fontes que se descortinam diante dele. É justamente nesse espaço privado, que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma escrita de si. (GOMES, 2004, p. 9-10)

Isso vem ao encontro de nossa posição de que arquivos privados, cartas, cartões, diários, escritos quaisquer e outros documentos que integram coleções particulares devem ser preservados e, sempre que possível, conservados na mesma ordem em que foram encontrados, evitando-se seu desmembramento, e antes procurando razões que expliquem sua proximidade. Referindo-se ainda à importância de se abrir um maior espaço a pesquisas voltadas à exploração dessa sorte de documentos, fonte inexaurível de referências úteis, seja ao historiador, seja ao pesquisador, prossegue:

Mas, como já se observou, ainda não são muito frequentes pesquisas históricas que se concentrem na exploração desse tipo de escrita. O que é compreensível, pois, embora tal documentação sempre tenha sido usada como fonte, apenas mais recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto da pesquisa histórica. Uma reflexão que passa a requerer maiores investimentos em sua utilização e análise, ou seja, maiores cuidados teórico-metodológicos. Um movimento que deve ser articulado, no caso, da historiografia brasileira, a constituição de centros de pesquisa e documentação destinados ‘a guarda de arquivos

privados/pessoais, quer de homens públicos, quer de homens “comuns”. A acumulação e a disponibilização desse vasto e diversificado material arquivístico estimularam e permitiram, ao mesmo tempo, a sistematização de conhecimentos e de metodologias referentes a sua guarda e a seu uso como fonte e objeto histórico. (GOMES, 2004, p. 9-10)

Ao nos fixarmos, a princípio, não apenas na fonte em si, mas também na própria história das cartas de Francisco para Maria, veremos que essa história começa por ser bastante interessante, na medida em que o acervo do qual as cartas fazem parte é uma coleção. Nesse sentido, podemos inferir a existência de um colecionador, “um interlocutor a presentificar a memória de um indivíduo ou de um grupo, lutando contra a dispersão das coisas e do esquecimento”. (RIBEIRO, 2010, p. 20)

É fato que as cartas de Francisco para Maria integram um conjunto de objetos que foi, durante anos, conservado e mantido quase intacto, onde o sujeito “reencontra o dia de ontem e presente o dia de amanhã”. (MORIN apud PESAVENTO, 1999, p. 9) Tais objetos são ainda melhor compreendidos quando comparados a objetos de consumo:

Quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abranda. São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (BOSI, 2003, p.26)

O descarte fez com que todo o acervo fosse parar num bric-à-brac, na posse de um comerciante de objetos usados. No entanto, embora uma boa parte dos objetos descartados encontre pessoas que se interessam por sua aquisição, tanto as cartas de Francisco, quanto os demais objetos da coleção, não têm valor de troca. São insubstituíveis. Não se desgastam, contudo. Na verdade, eles se esgotam, quando cessa a relação de pertencimento que mantêm com o sujeito, situação que conduz ao descarte, algo tão reiterado na modernidade:

O descarte dos objetos reflete um pensamento contemporâneo, onde os significados não estão mais atrelados às coisas, mas sim à rapidez com que estas podem ser produzidas, adquiridas e usadas. Da mesma forma, temos

a dicotomia entre indivíduos (sujeito) e posses (objeto) como uma oposição colocada como central nas sociedades capitalistas. No processo de mercantilização das coisas, o fluxo que vai da produção até o descarte de objetos pode ser referenciado de forma breve, como um trajeto que vai do cheio incorporado na materialidade valorativa da mercadoria até o vazio simbolizando traços, objetos que são simplesmente eles próprios, por vezes “uma lembrança de tudo aquilo que foi perdido” (STALLYBRASS, 1999:24). Marialva Barbosa (1998) ainda acrescenta que, nessa lógica contemporânea de consumo desenfreado e de descartabilidade e efemeridade das coisas, o futuro e o passado deixam de ser importantes, fundem-se. O sentido da morte modifica-se e passa a ser a mais forte experiência da vida. (RIBEIRO, 2010, p. 5)

Justamente esse detalhe do descarte na história das cartas de Francisco é que levou também à busca de referenciais literários, ainda que como contribuição indireta, como se fez em relação a Théophile Gautier. Além dele, Balzac², e mesmo Umberto Eco³ contemplaram, na literatura, essa via do esquecimento, onde vestígios de memória se tornam despojos.

² [...] Balzac, em 1831, escreveu: “As mais caras fantasias de perdulários mortos numa mansarda depois de terem possuído milhões figuravam naquele vasto bazar das loucuras humanas. Uma escrivaninha comprada por cem mil francos e revendida por cem sous jazia ao lado de uma fechadura de segredo cujo preço teria sido suficiente, outrora, para pagar o resgate de um rei. O gênio humano mostrava-se lá em todas as pompas da sua miséria, em toda a glória das suas gigantescas mesquinhas. Uma mesa de ébano, verdadeiro ídolo de artista, lavrada segundo desenhos de Jean Goujon e que custara, tempos atrás, vários anos de trabalho, fora comprada, talvez, pelo preço da lenha. Cofrezinhos preciosos, móveis feitos pela mão das fadas, amontoavam-se lá num completo desleixo”. (BALZAC, 1954, p.25)

³ [...] “Se, como raramente acontecia, a porta estivesse aberta, quem entrasse iria entrever, à luz incerta que clareava aquele antro, dispostos sobre poucas estantes trôpegas e algumas mesas igualmente bambas, objetos em mixórdia e à primeira vista atraentes, mas que, a uma inspeção mais acurada, se revelariam totalmente inadequados a qualquer intercâmbio comercial honesto, mesmo que fossem oferecidos a preços igualmente esfarrapados. Por exemplo, um par de trasfogueiros que desonrariam qualquer lareira, um relógio de pêndulo em esmalte azul descascado, almofadas outrora bordadas em cores vivas, floreiras de pé com cupidos lascados, instáveis mesinhas de estilo impreciso, uma cestinha porta-notas em metal enferrujado, indefiníveis caixas pirogravadas, horrendos leques de madrepérola decorados com desenhos chineses, um colar que parecia de âmbar, dois sapatinhos de lã branca com fivelas incrustadas de pequenos diamantes da Irlanda, um busto desbeijado de Napoleão, borboletas sob vidros rachados, frutas em mármore policromado sob uma redoma outrora transparente, frutos de coqueiro, velhos álbuns com modestas aquarelas de flores, alguns daguerreótípo emoldurados (que naqueles anos sequer tinham aparência de coisa antiga) — de tal modo que quem se empolgasse depravadamente com um daqueles vergonhosos sobejos de antigas penhoras de famílias pobres e, encontrando à sua frente o suspeitíssimo proprietário, perguntasse o preço deles, escutaria uma cifra capaz de desinteressar até o mais perverso colecionador de teratologias antiquaristas”. (ECO, 2011, p.10,11)

Já vimos que as cartas de amor escritas por Francisco para Maria são únicas, não se repetem e apresentam-se como algo insubstituível. Seu conteúdo é denso e subjetivo, refletindo uma experiência pessoal, com a narrativa de um estado afetivo de ordem individualíssima. Seu espaço de compreensão, contudo, pode ser traçado ainda que em limites ficcionais:

As cartas, também elas, como narrativas históricas, mesclam ficção e não ficção. Não sendo ficção, todas as cartas acabam por nos dar versões ficcionadas daquilo que nos querem dizer, existindo um hiato profundo entre o que o autor da carta nos quis comunicar, o que ele escreveu na carta e aquilo que o destinatário mais tarde lerá. Este é talvez o estado perverso inerente e toda escrita, ao qual as cartas não saberão escapar... Escrever cartas é assim um pequeno ofício literário no sentido mais restritivo e convencional desse termo, pois ao escrever uma carta não se pode fugir a um código que modela e altera o que tão simplesmente queremos e gostaríamos de dizer. Faz-se literatura sem o querer. (MELO E CASTRO, 2000 apud SANTOS, 2008a, p.88)

Já em relação ao fato de as cartas serem plenas de subjetividade, queremos com isso expressar a mesma concepção apresentada por Santos, para quem:

Subjetividade está presente em toda e qualquer manifestação humana. A subjetividade humana é um produto não apenas da história individual, mas, também, da história coletiva do homem, de sua cultura [...]. Compreende-se subjetividade, em um primeiro momento, como a maneira individual de reagir a um determinado fato ou questão, ou como a forma individual de conceber esse fato ou questão. Enquanto conceito psicológico, o de subjetividade estaria ligado à disposição de agirmos ou reagirmos em uma determinada direção. (SANTOS, 2008a, p. 71)

Não obstante essa marca de subjetividade que sai do remetente e visa à destinatária, está-se diante do que se convencionou assinalar como escrita de si, buscando referência na mesma autora já citada:

A escrita de si, ou escrita pessoal, é uma fonte privilegiada para tecer a rede de subjetividades que se pode perceber sobre certa questão, em determinada época, levando a uma busca mais contundente de conteúdos e valores. (SANTOS, 2008a, p. 76)

Todavia, não obstante a particularidade que sobressai das fontes, de sua subjetividade, existe um traço cultural que perpassa a narrativa, dotando-a de inteligibilidade pelo outro, em especial no reconhecimento, na percepção de como o

passado foi sentido. É onde entra também a subjetividade do intérprete, detalhe que não fugiu a Santos, ao observar que:

Com o binômio “cultura e subjetividade”, portanto, adentra-se uma relação possível entre as disciplinas história, psicologia e filosofia, na qual a reação subjetiva tanto do historiador como dos agentes da história se faria perceber nos relatos/narrativas, sejam quais fossem esses. Em outras palavras, é por intermédio da subjetividade inserida no olhar, ou no texto do historiador, que também nos deparamos com a subjetividade do passado, sob forma de “sensibilidades passadas”, isto é, percebemos o modo pelo qual o passado — em qualquer instância da vida — foi sentido, vivido, percebido e realizado por aqueles que lá estiveram. (SANTOS, 2008a, p. 74-75)

Pois bem, uma vez dada a relação da fonte com sua origem através de sua história, bem como estabelecida a condição de cartas na ordem de sua subjetividade e como escrita de si, dando seguimento aos referenciais teóricos de ordem específica para a solução dos problemas e consecução dos objetivos próprios a esta dissertação, além de fixar a importância do objeto, cartas de amor, bem como a raridade e origem da fonte, foi preciso adentrar ao contexto de memória social. Esta última, todavia, não se presta a uma conceituação unívoca. Tal afirmativa nos vem de Gondar (2005, p.11), que coloca a particularidade de estar-se diante de um “território móvel”. Essa impermanência, por certo, atua como impediente à formulação de “um conceito de memória social no sentido clássico do termo” — prossegue. Não obstante isso, em função do objeto e mesmo dada a natureza das fontes aqui analisadas, adota-se a posição que entende memória social como uma construção.

Ela não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados. (GONDAR, 2005, p. 11)

Dir-se-ia aqui que essa construção de memória social se dá a partir do que se exclui das fontes, daquilo que se excepciona delas como memorável, como digno de nota, no domínio do sensível e o sociável, ou antes, no domínio das sensibilidades e das sociabilidades. Trata-se um passado trazido até o presente. Porém:

Isso não quer dizer que o tempo não seja problematizado; quer antes dizer que a questão clássica primordial consiste em extrair daquilo que muda e passa o que permanece estável e imutável. Dito de outro modo, a verdade reside no que é sempre o mesmo, subtraído ao tempo. (GONDAR, 2005, p. 11-12)

Dessa forma, a partir da memória social, chega-se ao terreno das sensibilidades e das sociabilidades, conceitos distintos. Para referenciar o que se entende por sensibilidade, buscamos em Pesavento a definição desta “outra forma de apreensão do mundo”:

As sensibilidades corresponderiam a esse núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. (PESAVENTO, 2005, p. 01)

Este conceito é, logo adiante, aprofundado pela citada autora, que encontra nas sensibilidades uma forma de buscar o passado pela sensação (sentidos, emoções), recuperando a “memória do vivido”:

[...] sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a *energheia*, de que nos fala Carlo Ginzburg. (PESAVENTO, 2005, p. 2)

Ainda em relação às sensibilidades, cumpre referir a existência de uma concepção fisiológica que é atribuída à palavra para definir o que vem dos sentidos. Essa discussão foi muito bem colocada por Lotterie (1998, p. 15), ao abordar os sentidos modernos da palavra sensibilidade, oscilando entre sensação (de ordem física) e sentimento (de ordem moral), como algo que iria do corpo à alma sensível. Refere a autora, que o Dicionário Universal de Furetière (1690) associava sensibilidade a nervo, uma vez que a tinha como associada ao domínio fisiológico. O verbete “sensibilidade” atestava um sentido físico, qual seja “a disposição dos sentidos para receber as impressões dos objetos”. A sensibilidade era ainda caracterizada como própria aos animais, mas não aos vegetais. Todavia, no mesmo

dicionário, o adjetivo sensível recebe outro sentido no que dele “se diz figuradamente das coisas morais, em falando da emoção da alma e das paixões”. Ora, esses dois campos de significação conferem, de início, um sentido reativo do corpo físico como receptáculo de impressões que, acolhidas subjetivamente depois de percebidas através dos sentidos, vão gerar emoções “no território íntimo da alma”.

No que concerne ao conceito de sociabilidade é em Leenhardt (2010, p.27, 28) que vamos encontrá-lo, como a “aptidão de viver em sociedade”. Associada à sensibilidade, porém, quando esta é “posta a serviço da socialidade coloquial, isto é, oferecida como qualidade sociável, e não como singularidade individual”. Prossegue o autor:

Temos, por isso, dois termos quase equivalentes para designar a emergência que chamamos a civilização: *civilidade e socialidade*, os quais, em um dado momento da história, e em circunstâncias específicas, se fundem com a noção de *sociabilidade*. Todos estes termos designam certa forma de respeito do outro e de regulação da violência natural do indivíduo. Assim, a construção histórica do *saber-viver* pode legitimamente aparecer como uma maneira de gerir a contradição entre o indivíduo e a sociedade, entre a liberdade individual e a regulação das paixões. O *saber-viver* instaura uma domesticação coletiva. (LEENHARDT, 2010, p. 27-28)

Restam ainda outras áreas que devem ter apontadas referências teóricas. A memória, por certo, deve ser tomada conceitualmente, não apenas no sentido social de construção, mas especificamente como a concebeu Maurice Halbwachs (1968, p.136)⁴, quando abordou a relação entre memória coletiva e espaço, tratando de cidades e colocou que “um corpo social, em suas divisões e em sua estrutura, reproduz a configuração material da cidade na qual se insere”. Na medida em que esse mesmo espaço urbano será o espaço das sensibilidades e sociabilidades, é preciso reconhecer nele o reflexo dessas últimas, levando em consideração ainda que

[...] quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, não apenas seus movimentos, mas seus pensamentos

⁴ Em francês, no original, tradução livre da autora.

também se regram sobre uma sucessão de imagens materiais que lhe representam os objetos exteriores. (HALBWACHS, 1968, p. 137)⁵

Halbwachs não se detém apenas em aspectos exteriores relacionados às cidades, mas também aos ambientes interiores das moradias, aos objetos com os quais as pessoas estabelecem ligação, e que foram, aliás, também abordados nas cartas, daí a imprescindibilidade desse autor como referência:

Se vivemos sozinhos, a região do espaço que nos cerca de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas aquilo que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparecem nas coisas e a disposição desses objetos explica-se em larga medida a relações que sempre nos ligam a um grande número de sociedades, sensíveis ou invisíveis. Não se pode dizer que as coisas façam parte da sociedade. Todavia, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e bibelôs circulam no interior do grupo, e são objeto de apreciações, de comparações, abrem a cada instante percepções sobre novas direções da moda e do gosto, e também nos recordam antigos costumes e distinções sociais. Em uma loja de antiguidades, todas as épocas e todas as classes se afrontam assim, como membros esparsos e fora de uso pertencentes a mobílias dispersas, e certamente, perguntamo-nos: a quem pertenceu esta poltrona, essas tapeçarias, esse estojo, esta taça? Mas pensa-se, ao mesmo tempo (e no fundo é a mesma coisa), no mundo que se reconhecia em tudo aquilo, como se o estilo de um mobiliário, o gosto de uma arrumação fossem, para ele, o equivalente de uma linguagem que compreendia. Quando Balzac descreve uma pensão familiar, a casa de um avarento, e Dickens, o escritório de um notário, esses quadros já nos permitem pressentir a que espécie ou categoria social pertencem os homens que vivem em tal quadro. Não é uma simples harmonia ou correspondência física entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado e o lugar que ele ocupa no conjunto nos lembram uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando se analisa este conjunto, nossa atenção é atraída para cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem os aportes de uma quantidade de grupos. (HALBWACHS, 1968, p. 131)⁶

Com relação às cidades, ao urbano, recolhemos nossas referências junto a Pesavento (2008, p. 11), quando esta última aponta a cidade como “reduto de uma nova sensibilidade”, na medida em que confere ao cidadão um *ethos* urbano. A cidade ainda “objetiva práticas sociais” (PESAVENTO, 2008, p. 14), de modo a promover sociabilidades a partir das sensibilidades que preserva:

⁵ Em francês, no original, tradução livre da autora.

⁶ Em francês, no original, tradução livre da autora.

Sem dúvida, essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica, qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. (PESAVENTO, 2008, p. 15)

Em se tratando de memória social, sensibilidades e sociabilidades, considerado o objeto (cartas de amor) e a fonte especificada no recorte, tem-se que, para atender a tais pressupostos, faz-se mister à compreensão desta pesquisa, bem como de sua metodologia, como fundadas ambas nos mesmos moldes em que se faz a chamada História Cultural, que “possui um embasamento teórico-metodológico específico, consolidado a partir da tão decantada crise dos paradigmas explicativos da realidade, que, no Brasil, veio impor-se, progressivamente, na década de 90 do século passado”. (PESAVENTO, 2008, p. 12) Esta autora empresta grande relevância ao conceito de representações — *re-apresentar* — fazer presente o que está ausente, o que vem ao encontro de fontes tais e quais a desta dissertação. Ressalte-se que a própria cultura se introduz na esfera historiográfica, ela opera de sorte a resgatar

[...] entre os sujeitos-objetos de seus estudos, os indivíduos como um de seus vieses preferenciais nos últimos anos. Gente anônima ou gente famosa, mas iluminada, no seu resgate de vida, por outros problemas, passou a ocupar o lugar de destaque, dando a medida da utilização da micro-história, da biografia e dos percursos de vida como um caminho promissor. (PESAVENTO, 2008, p. 16)

Isso leva, naturalmente, à busca de uma metodologia que permita a construção do tema “enquanto objeto, ou seja, que o problematize, lançando perguntas e questões ao passado, empenhando-se em encontrar possíveis respostas”. (PESAVENTO, 2008, p. 17) Ela explica como deve proceder o historiador:

A seleção dá-se, em primeiro lugar, por meio da questão lançada, que o faz privilegiar esta ou aquela fonte, erigida como marca de historicidade para o seu objeto específico. Porém, isso não basta: cabe, depois, saber lidar com as fontes, obedecer a um método, fazê-las “falar”. E, nessa medida, é a combinação das estratégias metodológicas propostas por Walter Benjamim e Carlo Ginzburg aquela que tem se revelado mais proveitosa para o historiador da cultura: trata-se de um método que seguiria a prática da montagem, como aponta Benjamim, a cruzar, a compor e a combinar as marcas do passado, em caprichoso quebra-cabeças, ou, então, a contrapor

opostos, apostando nas revelações possíveis desse enfrentamento; de um método detetivesco, que sairia do texto para encontrar outros discursos, em um diálogo intertextual, de um método que prestaria atenção nos detalhes, nos sintomas e indícios secundários, acessórios, para, posteriormente, voltar ao texto original, com propostas de versões explicativas, sugere Ginzburg. (PESAVENTO, 2008, p. 17)

A fonte, consistindo em cartas, em textos literários, a proposta metodológica de Pesavento acima exposta pode ser complementada, especificadamente, com o que encontramos em Santos, referente a este

[...] percurso quase iniciático que é a construção — não-linear — de um texto histórico, a partir de uma pesquisa de vários anos, envolvendo desde a escolha de um objeto, sua relação com as fontes, passando pelos interstícios teóricos que acompanham toda a reflexão, e chegando até a narrativa interpretativa que se constrói [...] (SANTOS, 2008b, p. 31)

Ainda com relação à metodologia, observe-se Pesavento (2003, p. 63), quando aduz que “falar de um método é falar de um como, de uma estratégia de abordagem, de um saber-fazer”. Cumpre sejam incluídos também referenciais teóricos correlatos a cidades, buscando-se para tanto, além de Pesavento (2003, p. 63), obras de Silva (2001), de Calvino (1985) e de Bresciani (1997).

Em resumo, a primeira medida foi colocar a documentação em ordem cronológica, numerando os conteúdos de 1 a 39. As datas vão de 03 de novembro de 1922 até 17 de março de 1926. Essas datas ensejaram o recorte, pois o documento mais antigo que Francisco remete a Maria dentre toda a coleção é um telegrama de felicitações pelo aniversário dela. Não tendo sido encontrado nenhum documento anterior a esta data, embora presumivelmente o par já se conhecesse, é este telegrama que dará início à pesquisa. Seguem-se outros documentos que detalham o namoro. São escritos em prova e verso, e noticiam o relacionamento, com detalhes, cuja relevância será analisada oportunamente no que se refere à memória social, sensibilidades e sociabilidades. O documento que encerra a série é uma carta na qual Francisco propõe o encerramento da comunicação epistolar entre ambos. Efetivamente, nos anos vindouros, não se encontrarão mais cartas, em que pese, na década de 1930, Francisco volte a escrever para Maria, em outra fase de seu relacionamento que não será aqui examinada, visto a restrição imposta até

mesmo por se tratar de uma dissertação, que não daria lugar a tanto, pelo grande volume de documentos implicados, caso se decidisse pela expansão da pesquisa.

Depois de numerados, cada um dos documentos foi descrito fisicamente de maneira detalhada e, a seguir, foi resumido seu conteúdo. Isso permitiu não apenas a construção de um roteiro linear no tempo, mas ainda o cruzamento específico dos assuntos abordados nas cartas e cartões, à vista dos objetivos propostos.

Além desta introdução, foram confeccionados três capítulos. O primeiro, intitulado *O Corpus documental e seu tratamento metodológico*, consistiu na sistematização das fontes, criando-se um plano classificatório voltado à organização dos dados, ao estabelecimento de categorias e à descrição dos conteúdos que ali figuram, à vista da solução dos problemas de pesquisa. É ainda uma espécie de capítulo guia, que permite uma consulta rápida à data, natureza e conteúdo de cada um dos 39 documentos. Este primeiro capítulo dividiu-se em duas partes: uma voltada à especificação do recorte e de seus critérios de classificação; outro, à construção dos quadros classificatórios. E mais: cada vez que foi preciso citar a fonte especificadamente, transcrevendo passagens extraídas de um de seus conjuntos, há referência ao número, de 01 a 39, todos os conjuntos tendo sido exhaustivamente descritos nos quadros indexados. O segundo capítulo consiste na construção do processo de memória social a partir das cartas, como escritas de si, e como fontes de sensibilidades e sociabilidades. Estas últimas serão apontadas na escrita de Francisco, extraindo-se os exemplos da fonte, referidas estas conforme o quadro que as contiver. O terceiro capítulo volta-se especificamente às menções que Francisco faz a Porto Alegre, retratando a cidade onde o amor acontece através do urbano, sempre referenciando-se os conteúdos a partir de excertos extraídos da fonte, na forma já explicitada. Encerra-se a dissertação propriamente dita com as conclusões e apresenta-se, finalmente, o produto final, o conto intitulado *O Diário de Francisco*, uma criação de ordem literária e artística calcada em referências constantes das cartas⁷.

⁷ Espera-se que, até o dia da defesa desta dissertação, o conto já tenha sido publicado em mídia eletrônica.

No anexo, foram reproduzidas integralmente os conjuntos documentais 03, 08, 09 a), b) e c), 11, 12, 13, 15, 16, 19, 30 e 39 que consistem em poemas e cartas de Francisco para Maria.

2 O CORPUS DOCUMENTAL E SEU TRATAMENTO METODOLÓGICO

A razão de ser da confecção de um capítulo voltado à descrição do método empregado para consecução dos objetivos desta dissertação deveu-se à própria complexidade da fonte, vista a partir de sua origem como parte de uma coleção. Trata-se de um contexto que o pesquisador não pode ignorar. E como se impunha determinar a extensão da pesquisa, fez-se necessário escolher, dentre as cartas, um número limitado delas. Por outro lado, a escolha de referenciais teóricos e metodológicos empregados em História Cultural recomenda essa “redução da escala de análise, seguida da exploração intensiva de um objeto de talhe limitado”, como aponta Pesavento. (2003, p. 72)

Considerado o tema e os objetivos a alcançar, a organização das fontes foi fundamentada:

Os elementos do micro, recolhidos pelo historiador, são como a ponta de um *iceberg* que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam a um primeiro olhar. Ele é o elemento que não só permite pensar o todo como, inclusive, possibilita elevar a escala de interpretação a um plano mais amplo e distante, para além do espaço e do tempo, pensando na circularidade cultural ou na difusão dos traços e significados produzidos pelos homens em todas as épocas. (PESAVENTO, 2003, p. 73)

Assim, a organização dos dados, pode-se dizer, acabou por constituir-se na mais importante das etapas do processo de pesquisa, razão pela qual demanda que sejam explicitados os critérios empregados para se chegar a nada menos que os 39 conjuntos de documentos que consistem na própria fonte da presente dissertação, contextualizando-os e classificando-os, ordenando-os pelo ano, pelo mês, pelo dia de sua produção, descrevendo-os fisicamente e, finalmente, procedendo-se a uma breve análise de seu conteúdo manifesto, mais observações pertinentes a sua relação com o tema.

2.1 O recorte e seus critérios de classificação

Como já referimos na introdução, a coleção particular da qual foi extraída a fonte dessa dissertação é constituída por documentos de tipologia diversa, objetos representativos que foram sendo reunidos, cotidianamente, ao longo de décadas. A maior parte dessa coleção é constituída de cartas de amor enviadas por Francisco a Maria. Há cartas datadas e não datadas, algumas possuem ainda os respectivos envelopes, outras não. Há envelopes avulsos também. Algumas das cartas foram remetidas pelo correio, existindo os respectivos envelopes com selo. Alguns envelopes tiveram o selo removido, e a marca de recorte deixa ver isso. Muitas cartas e bilhetes parecem ter sido entregues pessoalmente, constando nelas a referência “em mãos”.

A primeira etapa do trabalho de pesquisa consistiu em ordenar toda a coleção, separando documentos datados de documentos não datados. Os primeiros foram ordenados cronologicamente e depois novamente classificados de acordo com suas características físicas: tipo de papel, suas medidas, a cor da tinta, de sorte a se poder, então, constatar que havia documentos não datados que correspondiam

perfeitamente à sequência cronológica (dia, mês, ano) do outro grupo, qual seja, o reservado aos documentos datados.

Cumprida essa etapa, dada a sequência cronológica, a cada data (mês e ano, alguns com dia, mês e ano) correspondeu um ou mais documentos, formando-se, assim, conjuntos. Os primeiros 39 deles, na ordem do tempo — de 1922 até 1926 — consistem na fonte desta dissertação.

Considerando o objetivo de determinar as manifestações de memória social, sensibilidades e sociabilidades da Porto Alegre da década de 1920, cenários, hábitos, costumes, foi necessário fixar referências, a princípio, descritas no conteúdo resumido de cada um dos 39 conjuntos documentais examinados, que vão desde o primeiro conjunto unitário, que consiste no telegrama de 1922, até a última carta da primeira fase de namoro em 1926.

Tais referências apontam para diversas práticas sociais que constituem, por sua vez, registros de memória social, manifestados por escrito, que demandam, pois, análise de seu conteúdo que foi, preliminarmente, apontado de forma resumida. Trata-se de uma tentativa de “potencializar a interpretação, vendo, no micro, o macro, a *micro-história* põe em prática uma metodologia de abordagem social”, como afirma Pesavento. (2003, p. 72)

Por que escolher apenas documentos que vão de 1922 a 1926, quando há correspondência que chega até a década de 1960? Primeiro e, evidentemente, por seu volume considerável, que implicaria em analisar detalhadamente centenas de documentos. Isso fugiria aos limites impostos a uma dissertação de mestrado. Contudo, a partir do ordenamento cronológico do acervo, observou-se que o relacionamento mantido entre remetente e destinatária teve duas fases distintas documentadas por escrito: a primeira foi de 1922 a 1926, que inicia com um telegrama de Francisco — conjunto 01 — felicitando Maria pelo seu aniversário e encerra-se em 1926 — conjunto 39 — com uma carta onde consta o registro da decisão de deixarem de escrever um ao outro, pois tal sorte de comunicação estaria representando risco ao relacionamento de ambos. A constatação da existência

dessa fase foi decisiva para escolha da fonte, designando-lhe a temporalidade, um antes e um depois⁸.

2.2 A construção do quadro classificatório

A construção do quadro classificatório implicou no exame dos 39 conjuntos documentais, tendo em vista sua sistematização, especialmente para composição dos capítulos subsequentes, que dependeram de referências existentes nas cartas, tanto quanto o próprio produto final. Cada conjunto é assim analisado em separado, em quadros esquemáticos.

Há detalhes que devem ser preliminarmente colocados ainda. Os conjuntos 02, 03 e 04 consistem em poemas. Eles não consignam vocativo. Há um poema apócrifo, do qual há cópia assinada, fato que remete à autoria de Francisco. O que assegura tenham esses poemas sido dirigidos especificamente a Maria? Nada além da circunstância de integrarem a coleção e de terem sido mantidos juntos a outros documentos datados, assinados e com vocativo, muitos deles ainda acompanhados de envelopes que, além de apresentarem as mesmas características tipológicas do conteúdo, exibem o nome da destinatária. De qualquer sorte, além de se tratarem de escritos da época, dando mostras de sensibilidades e sociabilidades, tais detalhes também foram apontados no quadro classificatório.

Justo na aparente imobilidade do fato, os historiadores buscavam surpreender a dinâmica da História, unindo o dado arquivístico à

⁸A segunda fase do relacionamento entre Francisco e Maria recomeça apenas em 1931, com uma correspondência que chega até 1937, quando cessa por completo. Nessa segunda fase, ocorre o noivado em 1932. No ano seguinte, Maria vai morar no estado de São Paulo, só retornando a Porto Alegre, RS, mais de um ano depois. Nessa época, Francisco trabalha no interior do estado, afirmando-se profissionalmente. Durante o ano de 1935 não houve propriamente cartas, mas muitos cartões que se referiam a flores que Francisco mandava a Maria praticamente a cada domingo. Eram rosas, principalmente, remetidas bem cedo, para que ela, ao acordar, recebesse seu bom dia diretamente das flores. O casamento de Francisco e Maria só ocorreu em 1948. A última carta de Francisco que existe no acervo é de 1937, como já dito. Há muitas sem data, no entanto. Seja como for, não há indicadores de que houvesse correspondência entre ambos a partir deste ano de 1937. Da década de 50, há cartas de Maria para a família; de 1960, um cartão de Natal de Francisco e Maria remetido de uma cidade do interior o RS, sem envelope.

multiplicidade das relações sociais. Por meio de um entrecruzamento máximo de relações, os historiadores da *micro-história* acabam por demonstrar que o social passado não é um dado posto, um fato definido, mas algo reconstruído a partir de interrogações e questões postas. Recusando evidências, trabalhando com detalhes e traços secundários, tais historiadores se voltam para a preocupação de atingir, no micro, a dinâmica da vida, construindo versões sobre o passado por meio da pesquisa empírica exaustiva, que tanto combina uma espécie de descrição densa, aquela do viés antropológico, quanto a do método indiciário anunciado por Ginzburg. (PESAVENTO, 2003, p. 72)

Em todos os quadros esquemáticos, há um espaço reservado a observações. Estas se mostraram importantes, na medida em que apontam para o tema, antecipam os objetivos apreciados nos capítulos subsequentes, ao mesmo tempo em que qualificam, dentre as fontes, quais as mais aptas à construção do processo de memória social, sensibilidades e sociabilidades, bem como detalhes do ambiente urbano. Em algumas dessas observações serão transpostos trechos das narrativas, demonstrando sua efetividade como fontes confiáveis relativamente ao tema. Nas citações, foi mantida a grafia original. Sempre que um conjunto apresentar mais de uma unidade, cada uma delas será designada por uma letra do alfabeto, exemplo, conjunto 09.b), equivalendo a uma descrição existente no respectivo quadro. Os conjuntos que foram reproduzidos integralmente no anexo estão assinalados com nota de rodapé.

Quadro 1 – Conjunto 01

Número do conjunto	01
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	03/11/1922
Tipologia	Manuscrito sobre papel pautado de baixa gramatura, medindo 22x16cm. Apresenta carimbo, assinatura e selo apostado no canto superior.
Breve descrição do conteúdo	Telegrama foi transmitido da Repartição Geral dos Telégrafos da cidade de Encantado, RS, para Porto Alegre. Tratam-se de felicitações pelo aniversário de Maria, que é tratada como “senhorita”. Mais antigo documento datado dentre toda a correspondência enviada por Francisco a Maria.
Observações. O documento aponta para o uso de um serviço público no cumprimento de um dever de sociabilidade.	

Quadro 2 – Conjunto 02

Número do conjunto	02
Número de unidades componentes do conjunto	02
Data	25/05/1923
Tipologia	Conjunto de dois documentos, a) manuscrito a lápis de cor azul, papel de gramatura baixa, com marca d'água ⁹ , folha 28x18cm, dobrada, escrita abrangendo duas páginas da face interior, com data, sem assinatura; b) papel de alta gramatura, com texto datilografado, folha 27x44cm, dobrada, escrita na primeira face e na face interior, lado direito, com ano, assinado a tinta. Sem vocativo.
Breve descrição do conteúdo	Poema intitulado “Cantique d’Amour”, escrito em duas versões: a) manuscrita e b) datilografada, com alterações (rasuras). A última versão vem precedida de uma citação em francês, assim como o título. Festeja a alegria de amar como paradoxal, pelo prazer e dor que chama de “tormentosa alegria”. Há uma nota de ironia ao final. A existência de duas versões permite observar o cuidado com que Francisco procede na escolha das palavras. Exemplo: “dissimulando num sorriso a minha dor” e “disfarçar num sorrir minha dor”. Não há vocativo. Aponta para sociabilidade implicada na comunicação em francês, que denota refinamento. “aime-moi pour la joie d’aimer”, diz o poeta. A sensibilidade permeia as representações sutis por onde se perpassa uma nota de fina ironia. Amar é encanto e é tormento. No final, o poeta recomenda à amada que, encontrando-o a sorrir, mas “com os olhos em pranto”, não o console:“ [...] deixa-me só, como um palhaço, amôr, a disfarçar num sorrir minha dôr”.
Observações.	Expressar-se em outro idioma para dizer coisas de amor. O documento também mostra que havia todo um cuidado com a forma e mesmo a produção de dois originais.

Quadro 3 – Conjunto 03¹⁰

Número do conjunto	03
---------------------------	----

⁹Essa marca d'água que aparece em diversas das cartas de Francisco escritas entre 1923 e 1924 mostra o símbolo da república e, logo abaixo, a referência “Extra Strong”, “Leinen Posi” e “Schleicher e Schull”, marca de papel que é fabricado até hoje e que é ainda de uso comum em repartições públicas.

¹⁰ Os poemas estão reproduzidos no anexo.

Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	25/07/1923
Tipologia	Manuscrito a tinta preta sobre papel de baixa gramatura, com marca d'água, bastante amassado, 28x18cm, folha dobrada escrita na primeira face com data e na face interior interna direita, também com data, sem assinatura.
Breve descrição do conteúdo	Poemas "Philosophia Sentimental" e "Minueto de uma Noite de Chuva", escritos com dois dias de diferença, o primeiro em 25, o segundo em 27 de julho de 1923. Poemas que refletem dúvida, incerteza quanto ao relacionamento. Não há vocativo. O poeta diz que ter "receio das profundezas que guardam certas verdades", e nisso consiste sua "filosofia sentimental". O outro poema é nostálgico: ele pensa na amada em sua própria alma, designada como lugar, como lócus onde o amor se manifesta: "Eu penso em ti, em minha pobre alma dorida, em nosso triste amor, em minha infeliz vida".
Observações. O documento revela um modo social de colocar o amor por escrito. Ele se mostra antes literário que literal.	

Quadro 4 – Conjunto 04

Número do conjunto	04
Número de unidades componentes do conjunto	03
Data	XX/08/1923
Tipologia	Conjunto de três documentos manuscritos a lápis de cor azul, sem assinatura. O primeiro — a) — em papel de baixa gramatura, com marca d'água, 28x18cm, manuscrito nas faces internas, com data na parte externa, mês e ano; o segundo — b) — papel de baixa gramatura, com marca d'água, folha dobrada, 23x42cm, manuscrita na face externa e interna direita; o terceiro — c) — papel de gramatura mais alta, folha dobrada, 21x35cm, manuscrito nas quatro faces, com data, apenas mês e ano.
Breve descrição do conteúdo	Poemas intitulados "As Praças Velhas" — 4.a) — "Footing" — 4.c) — e "Canção dos Arrabalde" — 4.b. No primeiro, é descrita a decadência de praças em desuso nas cidades; no segundo, retratado um hábito social da época, que persistiu por muitos anos ainda em Porto Alegre, o <i>footing</i> ; no terceiro, são descritas as áreas situadas fora do perímetro central urbano, enfatizando a nostalgia, o tédio, a monotonia que se relaciona a tais ambientes "pobres e pequeninos". Questões urbanas. Não há

	<p>vocativo. “Pobres praças velhas, onde o tempo poz a irradiação da agonia, e a velhice pintou, ao gesto do silêncio, a magestade da melancolia”. Há uma prosopopéia onde a praça recorda o tempo em que era nova e viveu dias de festa “quando uma intensa e louca multidão por ela rodou, girando em turbilhão”. O poeta também produz visões do urbano na Canção dos Arrabaldes: “pobres e pequeninos”, eles expressam “tédio da vida” e são lamentados como uma espécie de local de exclusão. Em “Footing”, o hábito social é visto uma “alegria ephemera”. O poeta, todavia, se exclui, pois “fica a ver esta onda humana que, agitada, a rodopiar, passa ante os meus olhos cansados”. Alegria-se pelos outros, mas reserva-se o que chama de uma “philosophia das atitudes”, quando não critica nos “setim e velludo, os mil motivos do desejo de possuir, accendendo, nos olhos, a cobiça”.</p>
<p>Observações. Contextos do urbano. Hábitos de sociabilidade. Rica fonte de Memória Social. Sensibilidades. Nostalgia. Como documento, o poema “Footing”, particularmente, consiste em testemunho que permite saber como a prática foi narrada e interpretada por alguém que viveu a época, e que teve a chance de tornar-se um de seus protagonistas.</p>	

Quadro 5 – Conjunto 05

Número do conjunto	05
Número de unidades componentes do conjunto	02
Data	03/11/1924
Tipologia	<p>Conjunto formado por um cartão — a) — manuscrito a tinta preta, com data, assinatura e respectivo envelope — b — em branco, medindo 6x9cm, com perfuração no canto situada à direita de quem abre dito envelope. Correspondência exata entre ambos os documentos e a perfuração.</p>
Breve descrição do conteúdo	<p>Cumprimentos de Francisco pelo aniversário de Maria. A perfuração que atravessa envelope e cartão sugere que possivelmente ambos podem haver sido presos a um buquê de flores. A circunstância do aniversário reforça a suposição. Embora o envelope esteja em branco, o vocativo “Maria” aparece escrito no cartão. O remetente assina-se no diminutivo, como “Francisquinho”. Entre o conjunto 01 e este transcorreu exatamente um ano. Houve poemas nesse ínterim, poemas que Francisco dirige à mulher que ama: conjuntos 02, 03 e 04. Teriam sido escritos para a mesma Maria que recebe felicitações pelo seu aniversário? Tudo faz crer que sim, graças ao fato de toda a coleção ter sido conservada unida, bem como as cartas guardadas próximas umas às</p>

	outras.
Observações. Práticas sociais.	

Quadro 6 – Conjunto 06

Número do conjunto	06
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	06/06/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta sobre papel de linho, gramatura baixa, 19x31cm, com data e assinatura; folha dobrada, com título na primeira página, escrita ocupando as duas páginas internas.
Breve descrição do conteúdo	Poema intitulado “O Abandono da Rosa”. Metáfora que subentende a ausência da amada comparada à ausência da rosa na alameda (alma do poeta) onde presumivelmente florescia. Sem vocativo. Assinatura formal de Francisco, com um de seus sobrenomes. Não há vocativo. Sensibilidades. O poeta reclama do desdém da mulher amada, comparando-a a uma rosa à qual confere majestade e orgulho. Idealização, romantismo. “Ela passou, a grande e linda rosa, pela alameda, silenciosa e fria”. Os atributos são claros: “Os seus passos, na areia fugidia, mostrando a indiferença desdenhosa”.
Observações. Comportamento feminino.	

Quadro 7 – Conjunto 07

Número do conjunto	07
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	1º/08/24
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces. Marca de segunda dobra, indicando que foi envelopada.

Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Francisco refere versos e fala da antiga casa onde Maria morava, descrevendo ambiente, hábitos, e a importância de lembrar. Cita Henri Bataille: “o passado é um segundo coração que bate em nós”. É a primeira carta de Francisco para Maria que aparece no conjunto. O relacionamento, contudo, já é pressuposto, pois Francisco menciona a antiga casa onde Maria morava, situada no local para onde foi remetido o telegrama — conjunto 01 — há então pouco mais de um ano. Consta da carta uma descrição poética do interior da moradia: “A um canto, sobre um tapete persa, repousava um divã cor de trevo. Era esse o teu recanto predileto”. A referência à literatura da época também serve como registro de memória social.
Observações. Memória. O texto se ajusta perfeitamente a referências de memória coletiva, especialmente quanto a lugares.	

Quadro 8 – Conjunto 08¹¹

Número do conjunto	08
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	17/08/24
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta escrita logo após um encontro físico do casal. Francisco discorre sobre as sensações que a presença da amada lhe provocam, sensações que procura conservar na memória após a despedida, levando-o a escrever a carta logo após despedir-se de Maria. O som da voz, o perfume e o contato epidérmico trazem Maria à mente de Francisco que, no entanto, observa que isso se dá de forma meramente espiritual. Prazer e dor. Francisco especula se a felicidade teria um preço. Examina o que sente: “E não sei donde nasceu este amor, não sei donde ele veio... Sei apenas que te amo, e muito”.
Observações. Sensibilidades e Sociabilidades. Definição de um estilo amoroso.	

Quadro 9 – Conjunto 09¹²

¹¹ Carta reproduzida no anexo.

¹² As três cartas que formam o conjunto estão reproduzidas no anexo.

Número do conjunto	09
Número de unidades componentes do conjunto	03
Data	XX/08/1924
Tipologia	Conjunto de três documentos com indicação de mês e ano, assinados, manuscritos a tinta preta sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrados, dois deles — a) e c) — escrito nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Cartas de Francisco para Maria. Todas são de agosto de 1924. Uma delas — a) — refere-se à antiga casa onde Maria morava em 1922, onde Francisco relembra a amada; outra — b) — sobre ausência e saudade, onde ele narra que andou pela cidade buscando encontrar Maria, mesmo sabendo-a distante; a terceira — c) — sobre flores que ela lhe enviou quando esteve doente, tudo indicando que o casal afastou-se desde o encontro referido na carta anterior (08). Não houve como determinar a ordem em que foram escritas; contudo, todas são pertinentes a agosto de 1924 e todas referem o fato de o casal estar fisicamente distante um do outro. As três cartas referem saudade. A falta do ser amado. Francisco fala de uma doença, sem especificar do que se trata.
Observações. Havia reservas quanto aos temas que podiam ou não ser tratados de forma explícita em uma correspondência. Doenças não são diretamente abordadas. Não era de bom tom comentar detalhes de ordem fisiológica, daí a reserva observada.	

Quadro 10 – Conjunto 10

Número do conjunto	10
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	31/08/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta. Francisco estaria doente. Ele fala de presentes recebidos de Maria. Menciona violetas, um livro, a propósito do qual há uma observação escrita em italiano, e um retrato que ele, contudo, não deseja manter sobre a mesa nem mostrá-lo, pois tal retrato lhe traz à memória lembranças de um Carnaval, muito provavelmente o de 1923, onde ela teria se feito bela “para os outros”. Por isso, teria sido “perversa sem querer”. Hábito de mandar flores aos doentes. Ciúmes. Sensibilidades e sociabilidades.
Observações. Um feminino de época. Comportamento. Hábitos.	

Quadro 11 – Conjunto 11¹³

Número do conjunto	10
Número de unidades componentes do conjunto	02
Data	24/09/1924
Tipologia	Conjunto formado por envelope manuscrito, — a) — com selo e carimbo do correio, mais respectiva carta — b) — de Francisco para Maria manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces. Marca de segunda dobra para envelopamento.
Breve descrição do conteúdo	Carta— b) — que possui envelope — a) —. Há selo do correio e perfeita correspondência entre ambos os documentos que compõe o conjunto. No texto, é referida uma resposta da destinatária. Consta no envelope observação dirigida ao carteiro, solicitando a devolução da carta para determinado endereço, também em Porto Alegre, supostamente do remetente. Sociabilidades. Refere-se a estar doente e acusa recebimento de uma carta de Maria. Francisco pede desculpas por ter sido levemente irônico com Maria, ao rebater-lhe a recomendação de que deveria cuidar-se, pois que “a saúde é a maior riqueza”. Ele deseja ser pródigo com sua saúde, desperdiçando-a com liberalidade. “Perdoa-me a ironia. Ela me traiçooou, e fugiu pela penna”. Não foi por querer”.
Observações. Aparece aqui um hábito social: recomendar ao carteiro um modo de agir. Doença outra vez tratada com reserva. Modos de expressão que escondem observações críticas.	

Quadro 12 – Conjunto 12¹⁴

Número do conjunto	12
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	30/09/24
Tipologia	Manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrado e escrita em três quatro faces.

¹³ Carta 11.b) reproduzida no anexo.

¹⁴ Reproduzido no anexo.

Breve descrição do conteúdo	Ainda doente, em Carta, Francisco fala da separação e do amor, indagando sobre o recebimento ou não, por ela, de cartas anteriormente escritas. Há reserva quanto à doença. Ela não é mencionada. O casal está separado e ele sofre “à mingua da sensação physica do teu amor”.
Observações. Mostra como namorados enfrentam, na década de 1920, um período de separação, reforçando a memória das vivências comuns; mostra como se comportam em relação a doenças, a fragilidades e vicissitudes da vida.	

Quadro 13 – Conjunto 13¹⁵

Número do conjunto	13
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	03/10/1924
Tipologia	Manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria, onde ele se refere a revolucionários que estariam acampados na fronteira de Mato Grosso e pede a Maria que mande avisá-lo sobre a hora da missa em que ela faria a sua 1ª Comunhão.
Observações. Cerimônia de Primeira comunhão de Maria. Na década de 1920 não era incomum que as meninas comungassem pela primeira vez com quinze ou dezesseis anos. Menção a tropas na fronteira do estado de Mato Grosso com Paraguai. Memória Social: referência a temores sentidos quanto à Revolução Tenentista que acontecia nesta época.	

Quadro 14 – Conjunto 14¹⁶

Número do conjunto	14
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	05/10/1924
Tipologia	Manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces.

¹⁵ Reproduzido no anexo.

¹⁶ Reproduzido no anexo.

Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Há descrição de estado de alegria e ceticismo, referindo sensações paradoxais do estado de paixão. Na face posterior da carta existe um poema intitulado “Contradições”, sobre crer-se ou não crer-se amado. A dúvida que leva Francisco a especular sobre o amor em si, sobre o que sente e sobre o que Maria sente.
Observações. Romantismo. Valorização do sentimento proporcionalmente ao sofrimento experimentado.	

Quadro 15 – Conjunto 15¹⁷

Número do conjunto	15
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	09/10/1924
Tipologia	Carta de Francisco para Maria manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, 18x36cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Reclama da frieza dela ao empregar, em carta, expressões estrangeiras então em moda, a saber, “forget me not” e “mon plus grand doux souvenir”. Observa que “na petulância literária de tais termos não pode caber a sinceridade de um coração que ama cegamente”. Esta carta vai dar origem a uma discussão que, daí por diante, se agrava, de sorte que, através desses documentos, faz-se possível rastrear hábitos, costumes, aferindo sensibilidades. O emprego de termos estrangeiros na correspondência leva Francisco a criticar Maria.
Observações. Regras do cartear-se.	

Quadro 16 – Conjunto 16¹⁸

Número do conjunto	16
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	24/10/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, com bordas recortadas, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita nas quatro faces.

¹⁷ Reproduzido no anexo.

¹⁸ Reproduzido no anexo.

Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. A carta anterior (conjunto 15) onde Francisco sugere existir frieza e cálculo no emprego, por Maria, de expressões estrangeiras na carta à qual respondeu então, muito provavelmente, provocou forte reação em Maria, de sorte que nesta carta (conjunto 16), Francisco implora que ela o perdoe e esqueça. É possível perceber que Maria teria reagido à crítica formulada na carta (conj. 15). Há uma crise entre o casal.
Observações. Uma crise epistolar que reflete comportamento.	

Quadro 17 – Conjunto 17

Número do conjunto	17
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	30/10/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, com bordas recortadas, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita em três das quatro faces
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Francisco alega não receber de Maria nenhuma notícia. Reclama dela “qualquer coisa que me mandas através da tua letra pequenina, fragil, nervosa, tal se fosse a imagem da tua sensibilidade, em extrema desperta ao alarme das menores impressões..”. Implora por notícias e pede uma resposta, temendo interpretar o silêncio epistolar dela como um rompimento. Ele exige dela uma explicação e, depois, a exigência não sendo satisfeita, de joelhos, implora o favor de uma resposta.
Observações. Interpretação do silêncio epistolar. Semiologia do comportamento amoroso.	

Quadro 18 - Conjunto 18

Número do conjunto	18
Número de unidades componentes do conjunto	02
Data	02/11/1924
Tipologia	Conjunto de envelope — a) — e respectivo cartão — b) — em papel tipo vergê, com bordas recortadas, medindo 11x18cm; envelope com destinatária (Maria), mas sem remetente, para entrega em mãos, com data e assinatura.

Breve descrição do conteúdo	Francisco faz uma lacônica felicitação a Maria. Sendo a data deste cartão o dia 03 de novembro, têm-se que se trata do aniversário dela. A expressão “com as minhas felicitações” sugere que o cartão possa ter acompanhado flores. Do telegrama até aqui são dois anos desde 1922. Pela frieza das felicitações, o rompimento persiste. É provável que a crise perdure, mas, ainda assim, Francisco não deixa passar a data. São dois anos desde o telegrama.
Observações. Sutilezas comportamentais. Significados que vão muito além dos termos.	

Quadro 19 – Conjunto 19¹⁹

Número do conjunto	19
Número de unidades componentes do conjunto	02
Data	07/11/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, em duas folhas, a primeira — a — com bordas recortadas, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita nas quatro faces; a segunda — b) — em mesmo papel, medido 18x11, escrita em ambos os lados.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. O conteúdo desta carta, escrita em seis laudas, indica que o casal volta a se relacionar, com uma espécie de renúncia a maiores explicações. Francisco fala de sofrimento, de desvario seu em razão de um grande golpe de alma que teria sofrido “na terça-feira” agora “mudado em resignação”. Carta poética que fala das mais diversas formas que o sofrimento pode assumir, não apenas no amor, mas também na vida. “Foi um simples incidente de amor, nascido, somente, do meu demasiado amor por ti”. O amor aprofunda sensibilidades? Impõe sutis regras de sociabilidade? O processo de rompimento e reconciliação pode ser estudado a partir desses últimos registros.
Observações. Romper e reatar um romance. O documento aponta para ritos, fórmulas comportamentais. A renúncia em insistir na discussão. O saber viver que se impõe como regra de sociabilidade.	

Quadro 20 – Conjunto 20

¹⁹ Reproduzido no anexo.

Número do conjunto	20
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	11/11/1924
Tipologia	Cartão em papel tipo vergê, com bordas recortadas, medindo 11x18cm, com data e assinatura.
Breve descrição do conteúdo	Poema sem título na forma soneto. O tema é amor e idealidade. Não há vocativo. “Eu quero amar-te assim, sorvendo essa delícia, que tem o amor ideal, de divinos resabios”.
Observações. Romantismo e idealidade. O ser amado é percebido apenas através da afetividade.	

Quadro 21 – Conjunto 21

Número do conjunto	21
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	15/12/1924
Tipologia	Manuscrito a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, em duas folhas, a primeira com bordas recortadas, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita nas quatro faces; a segunda em mesmo papel, medido 18x11, escrita em só dos lados.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Nova crise relacionada a uma escolha que Maria, optando, aparentemente, por ir a uma festa onde ele não estaria, atraída pelo que chama de “o encanto das novidades”, uma vez que o amor entre eles estaria “velho” e falto do “encanto das revelações”. Sugere com isso o fim do relacionamento que, contudo, não quer que se dê por carta, evitando a “tragicomédia epistolar”. Nova crítica a Maria. Os termos usados por Francisco nessa carta são fortes e ameaçadores.
Observações. Significado do compromisso amoroso. Comprometimento. Regras.	

Quadro 22 – Conjunto 22

Número do conjunto	22
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	XX/01/1925

Tipologia	Cartão em papel tipo vergê, com bordas recortadas, medindo 11x18cm, com data, mas sem assinatura.
Breve descrição do conteúdo	Felicitações <i>do Francisquinho</i> pela entrada do Ano Novo, 1925. É provável que o cartão seja do dia 31. Final de ano. Uma lembrança ou tentativa de reconciliação? Francisco não fala de amor.
Observações. Regra de sociabilidade. Mesmo separados, a obrigação social de manifestar-se por ocasião dos festejos tradicionais.	

Quadro 23 – Conjunto 23

Número do conjunto	23
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	05/03/1925
Tipologia	Carta de Francisco para Maria manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Nesta carta Francisco descreve sua indignação ao saber do procedimento de parentes seus. Não há menção direta ao fato que gerou essa inconformidade, mas o relato revela um tipo de fórmula social empregada para lidar com situações de profunda decepção. “O orgulho me aconselha, a altivez me manda, a honra me ordena”. Francisco pretende superar o episódio (que não se sabe qual foi) e pensar no futuro onde a felicidade deve aguardá-lo. A comunicação epistolar recomenda reserva na citação de nomes. Temor de receitação? Possivelmente. Há uma consciência de que o que se escreve fica. É documento. Logo, pode comprometer inclusive terceiros.
Observações. Regras epistolares podem ser deduzidas daí.	

Quadro 24 – Conjunto 24

Número do conjunto	24
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	09/03/1925
Tipologia	Carta de Francisco para Maria manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, medindo 18x22cm, folha dobrada e escrita

	nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Francisco menciona a sutil ironia feminina. Fala dos instintos, da natureza humana e estabelece uma medida para as cartas, usando o papel dobrado e escrevendo em suas quatro faces, como vinha sendo seu hábito, exceto quando o “sentimento romper os preceitos da medida”.
Observações. Questões de gênero. Filtra-se daí o feminino dos anos 20 do século XX.	

Quadro 25 – Conjunto 25

Número do conjunto	25
Número de unidades componentes do conjunto	04
Data	XX/XX/1925
Tipologia	Manuscrito distribuído sobre quatro folhas de papel cartonado — de a) a d) — de alta gramatura, tipo vergê, medindo 3 delas 18x22cm, folhas dobradas e escritas nas quatro faces, e uma 18x11cm, escrita em ambos os lados.
Breve descrição do conteúdo	Longa carta em 08 laudas. Francisco, nesta carta incomum pelo tamanho, fala de sutilezas femininas e aborda o sentido do efêmero, especialmente no que se refere à moda que, segundo ele, subjuga as próprias leis do bom gosto. Ele discorre longamente sobre esse reinado da moda e, ao final, descobre-se que tudo isso tinha em vista a intenção de demover Maria de seu propósito de cortar os cabelos para, segundo ela teria dito, <i>innovar-se em parte</i> . O tipo de papel indica que esta carta seja de agosto de 1925.
Observações. O tipo de papel indica que esta carta seja de agosto de 1925. Maria deveria seguir a moda e cortar o cabelo? Como isso era visto e interpretado?	

Quadro 26 – Conjunto 26

Número do conjunto	26
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	05/08/1925
Tipologia	Manuscrita a tinta preta, com data e assinatura, sobre papel cartonado de alta gramatura, tipo vergê, medindo 18x11cm, escrita em ambas as faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Ele viaja e fala na distância, em sua própria vida que permanece com ela.

Observações. Romantismo. Ausência. Separação. A carta atuando como presença, como reafirmação do compromisso. Sua importância social.

Quadro 27 – Conjunto 27

Número do conjunto	27
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	22/08/1925
Tipologia	Manuscrito. Com data e assinatura, escrito com tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 17x32cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Ele fala de duas semanas sem vê-la. Significado do tempo no amor. Fala do louvor que ela teria recebido da professora de piano. Refere que está em tratamento de saúde desde o dia 1º, mas que experimenta melhoras. Diz haver instituído sessões literárias em casa do tio que frequenta “todas as noites até quase sempre a meia-noite”.
Observações. Revela hábitos sociais. A importância da vida cultural e a narrativa de como se dava sua prática no dia-a-dia de cada um. O estudar piano, os saraus literários realizados à noite e sua “instituição”.	

Quadro 28 – Conjunto 28

Número do conjunto	28
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	28/08/1925
Tipologia	Manuscrito em tinta preta, com data e assinatura, sobre papel de média gramatura, medindo 19x32cm, folha dobrada, escrita internamente em ambas as faces. Segunda dobra sugere ter sido colocada em envelope.
Breve descrição do conteúdo	Poema “Phantasmagoria”. A alma de Maria assombra Francisco como um fantasma que habitasse o seu interior.
Observações. Romantismo. Idealidade.	

Quadro 29 – Conjunto 29

Número do conjunto	29
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	31/08/1925

Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 19x34cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta. Francisco menciona a passagem de seu aniversário. Doente, deve permanecer ainda mais tempo na cidade onde se encontra. Ele estuda. Tratamento de saúde entra na segunda fase que inicia naquele dia. A enfermidade que o acomete não é mencionada.
Observações. Reserva epistolar no que concerne a certos assuntos.	

Quadro 30 – Conjunto 30²⁰

Número do conjunto	30
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	15/09/1925
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x36cm, dobrada e escrita em três das quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Permanecem distantes. Ele fala do campo onde esteve, de seu retorno, de uma cantora chamada Zola Amaro, que aceitara convite para cantar na cidade de onde ele escreve.
Observações. Memória. Documento que retrata hábitos sociais em uma cidade no interior do estado onde o remetente se encontra.	

Quadro 31 – Conjunto 31

Número do conjunto	31
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	23/09/1925
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x31cm, dobrada e escrita nas quatro faces.

²⁰ Reproduzido no anexo.

Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Francisco discorre sobre o desejo de morrer, respondendo a uma carta onde Maria teria abordado esse assunto. Ele repudia tal sorte de pensamento e festeja a vida. “Não penses na morte. É um crime pensar na morte quando tudo vive”.
Observações. Manifestação de sociabilidade. Conversa epistolar que gira sobre comportamento. Discussão de filosofias de vida. Otimismo e pessimismo.	

Quadro 32 – Conjunto 32

Número do conjunto	32
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	15/10/1925
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x29cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Sente-se doente. Fala poeticamente de Porto Alegre que compara a uma mulher, <i>essa que</i> “vive eternamente deitada numa indolência de princesa oriental ao longo do Guaíba”.
Observações. Visões do urbano.	

Quadro 33 – Conjunto 33

Número do conjunto	33
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	24/10/1925
Tipologia	Carta de Francisco para Maria com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x31cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Bondade com espinhos, diz ele, sobre pedido de Maria para que ele se poupasse, não escrevendo para ela, uma vez que, doente, precisava repousar.
Observações. Comportamento, sociabilidades.	

Quadro 34 – Conjunto 34

Número do conjunto	34
---------------------------	----

Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	31/10/1925
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x31cm, dobrada e escrita em três das quatro faces. Segunda dobra mostra que foi envelopada.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Permanece de cama, doente. Fala de resignação.
Observações. Comportamento. Sociabilidades.	

Quadro 35 – Conjunto 35

Número do conjunto	35
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	18/11/1925
Tipologia	Carta de Francisco para Maria com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 16x31cm, dobrada e escrita nas quatro faces.
Breve descrição do conteúdo	Assunto que não é mencionado. Francisco doente. Referência indireta a determinando tema, tratado como tabu. Situação que não é exposta com clareza.
Observações. O documento mostra, mais uma vez, que havia limites sociais a temas epistolares. Coisas que não podiam ser colocadas por escrito, seja porque não convinham, seja porque pudessem gerar riscos em caso de interceptação.	

Quadro 36 – Conjunto 36

Número do conjunto	36
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	31/12/1925
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 15x34cm, dobrada e escrita nas quatro faces, a primeira delas com margem traçada a tinta na extremidade do papel.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Triste pela ausência dela, mas dizendo que conserva sua visão, “prolongamento imaterial” de sua vida. Refere visita de Maria a parentes seus, na cidade onde está, dizendo que nunca será esquecida. No entanto, o final desta carta alude a que, <i>apesar da</i> “fragilidade de nosso estratagema, escrever-te-ei em breve”. Isso

	sugere que o relacionamento enfrentava contrariedades.
Observações. O namoro se mostra aqui como compromisso que tem reflexos familiares. Sociabilidades.	

Quadro 37 – Conjunto 37

Número do conjunto	37
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	23/01/1926
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 15x34cm, dobrada e escrita nas quatro faces, a primeira delas com margem traçada a tinta na extremidade do papel. Segunda dobra mostra que foi envelopada.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Ele a chama de prima. Descubrem parentesco. Despede-se até o dia 3, aludindo a uma possível volta a Porto Alegre.
Observações. O parentesco como determinante de comportamentos. Regras de sociabilidade.	

Quadro 38 – Conjunto 38

Número do conjunto	38
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	1º/02/1926
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 15x34cm, dobrada e escrita nas quatro faces, a primeira delas com margem traçada a tinta na extremidade do papel. Segunda dobra mostra que foi envelopada.
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Francisco responde a uma carta de Maria. Conta que esteve em Passo Fundo no dia 31, onde permaneceu até o dia 04, uma viagem surpresa, de sorte que o inesperado fez com que ele se esquecesse de escrever-lhe, fazendo-o “quando já não podia a não devia”, pois a carta chegaria à Capital depois de certa data pré-fixada, o que poderia ser “perigoso”. Diz haver recebido o instantâneo, certamente, uma foto de Maria que ele qualifica como “à la diable”, porque nela ela aparece com um cãozinho no colo, ali “um rei

	mais feliz que eu”. Refere-se a “jalousie” que experimentou em relação ao animal.
Observações. O envio de uma fotografia por carta e a descrição dos efeitos que a interpretação desta foto produz no destinatário. A palavra “instantâneo” pressupõe o lambe-lambe, e não o estúdio fotográfico.	

Quadro 39 – Conjunto 39²¹

Número do conjunto	39
Número de unidades componentes do conjunto	01
Data	17/03/1926
Tipologia	Documento com data e assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel de média gramatura, folha medindo 20x32cm, dobrada e escrita nas quatro faces,
Breve descrição do conteúdo	Carta de Francisco para Maria. Fala das conjecturas que Maria fez em carta sobre o não recebimento de notícias dele. Tudo indica que a relação de ambos continua enfrentando contrariedades. Francisco fala de “complicações” e da “fragilidade de nosso plano” receando que eles “sejam descobertos”. Ele diz nada temer por ele, mas por ela, que estava perto de “criaturas que se preocupam tanto contigo e com as nossas cousas”. A carta termina com a sugestão dele para que suspendam a correspondência, um sacrifício que ele está disposta a fazer.
Observações. Notícia um namoro secreto. Há uma carta que some. O que isso indica, em termos sociais? O rompimento dá-se apenas com relação à comunicação epistolar. Ela é que deve ser suspensa, e não o relacionamento em si. Tem-se a carta como documento que alerta quanto aos riscos produzidos pela própria carta.	

O presente quadro classificatório visou a dinamizar a fonte em si e no que de único ela representa frente ao tema, no que ele possui de geral, considerando que:

É preciso ainda ter filigranas no olhar para ver, no único ou na exceção, o normal, a série, a confirmação da regra, da conduta e do valor vigente. Ou, em outras palavras, é só o olhar muito atento e acurado que vê, na

²¹ Reproduzido no anexo.

contravenção, a norma, ou na declaração da virtude, a existência do pecado. (PESAVENTO, 2003, p. 74)

Não é demais enfatizar, ainda outra vez, a importância de se manterem arquivos dessa natureza preservados em seu conjunto tanto quanto possível. Sem isso, os olhares lançados sobre os conteúdos encontrariam aí representações outras, carregadas de incertezas ou excessivamente interpretadas, com risco da “hipertrofia das capacidades metonímicas do traço”. (PESAVENTO, 2003, p. 73) Não se pode duvidar de que a fonte tomada assim em conjunto projete um quadro muito mais preciso do que se teria caso houvessem sobrado delas apenas uma ou duas cartas. Não obstante o trabalho com um número considerável de dados exija do intérprete que se proponha a um esforço considerável no que concerne à metodologia empregada, tal esforço é compensado, uma vez emprestada maior visibilidade a detalhes únicos que podem, como se apontou acima, revelar a série, e incidir sobre o tema com maior precisão.

3 A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE MEMÓRIA SOCIAL A PARTIR DAS CARTAS DE FRANCISCO

Este capítulo será dedicado à construção do processo de memória social a partir das cartas de Francisco, começando por dissertar sobre cartas de amor em geral e o que estas representam para o pesquisador, sempre referindo exemplos extraídos da fonte. A seguir, serão analisadas de forma sucinta quatro propostas de memória social, apontando a filiação desta pesquisa a uma delas, justificadamente, ao mesmo tempo em que se procede na construção dessa memória a partir de exemplos extraídos da fonte. Na continuidade, serão analisadas cartas, especialmente cartas de amor, como escritas de si; depois, na segunda parte, serão apontados exemplos de sensibilidades e sociabilidades, mostrando como a fonte se coaduna aos referências teóricos.

Cartas, especialmente cartas de amor constituem-se em um autêntico testemunho de si, uma escrita que traduz sensibilidades e que evidencia hábitos, costumes, maneiras de ser e de viver, mecanismos sociais de certo tempo e lugar, ou seja, sociabilidades, tudo isso aspectos que articulam a memória social, conferindo-lhe movimento, dinamizando-a.

Cartas interessam, enquanto cartas, àquele que as recebe. Quando, porém, deixam de ser cartas particulares, presentes e atuais, transformam-se em vestígio, deslocadas então da circunstância que lhes deu causa. Essas cartas vestígios, no entanto, são documentos que tangenciam memória e esquecimento. Como arquivos guardados, são espera. São um durante que resguarda o acontecido no tempo, preservando-o.

Cartas interessam ao crítico literário, porque revelam a palavra articulada, coloquial ou formal, bem como o estilo da narrativa; cartas, sobretudo as de amor, interessam ao psicólogo, esse cientista da subjetividade, porque desvendam remetente e destinatário em sua realidade fenomenológica. Cartas, enfim, interessam, são referenciais humanos e históricos, sociais e psicológicos, literários e até mesmo artísticos.

Em cartas de amor, as palavras dão conta de estados de alma dos mais variados matizes e densidades; nelas, as manifestações do sensível se fazem palpáveis:

Acerbo esse prazer que brilha sempre no teu sorriso divino, na tua linda voz de velludo, que é um hynno de faiança, que faz amar e padecer... (CONJUNTO 2, a)²²

A correspondência de caráter privado, sobretudo, revela com intensidade, seja frieza, seja paixão, seja mesmo um cenário apreensível pelas referências que por ventura ali se façam constar.

E o teu olhar, para os outros... O teu sorriso, para os outros... Os gestos do teu corpo, para os outros... E para mim, apenas a dor... Essa dor que eu quase esquecia à sombra do teu amor... Mas, foste perversa, talvez sem o querer, e me mandaste o teu retrato, aquelle retrato, que é, para mim, a memória despiedosa da minha dor daquelle tempo... (CONJUNTO 10)

A fotografia que, talvez sem maldade, Maria tenha feito chegar às mãos de Francisco, desperta nele a triste — despiedosa — lembrança de uma dor sentida no passado. Quando se pensa em memória, percebe-se que existe nisso um compromisso para com o lembrar, e que tal compromisso tem um elo em comum, de certa forma, coletivo. A beleza de Maria é aqui representada como sendo para os outros, que participam, que compartilham das impressões subjetivas de Francisco. As lembranças individuais, como as coletivas, são organizadas e arquivadas em seu devido lugar, tudo regulado por uma abstrata linha de tempo, referida como “daquelle tempo”, tempo comum, não apenas a remetente e destinatário, como ainda extensível aos seus contemporâneos. Fora isso, os sentimentos são experimentados diversamente nessa sociedade a dois, como observa Halbwachs:

Na ordem das relações afetivas, onde a imaginação desempenha importante papel, um ser humano que é muito amado, e que ama moderadamente, nunca se dá conta ou, frequentemente, só dá conta tarde demais, da importância que se liga aos seus menores passos, às suas

²²Excertos como este, extraídos do corpus documental, se farão seguir de referência ao conjunto, apontando-se o seu número e, caso se trate de conjunto composto por mais de uma unidade, pela respectiva letra. Observou ainda, com relação a esses excertos — que consistem em transcrições de cartas e poesias de Francisco — o mesmo recuo empregado nas citações bibliográficas.

palavras mais insignificantes. Aquele que ama mais lembrará mais tarde ao outro declarações, promessas, das quais este último não conservou nenhuma lembrança. Isso nem sempre se deve à inconstância, à infidelidade, à irreflexão, mas ele está muito menos comprometido que o outro nessa sociedade que repousa sobre um sentimento desigualmente partilhado. (HALBWACHS, 1968, p. 8)²³

Fundamental apontar os sentidos ajustados aos referenciais teóricos que esclarecem a pesquisa, especialmente no que concerne a cartas. Dessa sorte, vai se procurar definir limites para contextualização da fonte, tomada em sua natureza como cartas de amor, escritas de si, e seu potencial informativo para o pesquisador, sobretudo no que tange ao processo de construção de memória social.

Por sua própria natureza, cartas de amor transcendem o real e atingem, quando não ultrapassam mesmo, os limites ficcionais:

É no limite da ficção, ali onde as “marcas de sensibilidade” surgem na narrativa como a subjetividade do sujeito no ato histórico — remetendo para a interioridade do próprio texto — que a literatura e os escritos de si tornam-se fontes privilegiadas para a construção de um relato histórico sobre certa sensibilidade, surgido em certo passado. (SANTOS, 2008a, p. 88)

Nas cartas de Francisco, essa subjetividade remete ao próprio passado ainda sensível:

Maria — Vim de ti, ha pouco. E trouxe commigo a tua voz, unica em harmonia, a ecoar em ondas de doçura, aos meus ouvidos. Ella será a musica das minhas ultimas horas deste dia, até ao sonno, que me será divino, cahindo, como me cahirá, do céu da tua voz. (CONJUNTO 8)

A densa subjetividade da narrativa que reflete uma experiência de caráter pessoal, a particularidade da carta e a individualidade dos envolvidos, contudo, reproduz um processo cuja dinâmica social passa pela memória, pelo vivido, por um passado que se deixa reconstruir a partir dos diálogos entretidos com as fontes. Francisco escreve a carta tão logo se despede de Maria. Ela, todavia, continua presente, presença sentida, presença vivida, idealizada e preservada na memória que ele registra.

Em que tudo isso remete à memória dita social? Gondar expôs nada menos que quatro propostas que se prestariam a definir o que vem a ser memória social,

²³ Do original francês, tradução livre da autora.

questão que “difícilmente pode receber uma resposta única e definitiva”. (GONDAR, 2005, p. 11)

Em primeiro lugar, ela começa por expor uma proposta de caráter transdisciplinar, que não pressupõe que exista, previamente, um objeto neutro chamado memória social, pois esta seria, antes, algo que estaria sempre “por ser criado”. (GONDAR, 2005, p. 15) Contudo, fosse tal concepção adotada aqui como referência, tal implicaria numa considerável ampliação dos referenciais teóricos, para incluir, por exemplo, a psicologia e a linguística, sem contar na fuga ou no desvio dos objetivos propostos.

A seguir, afastando-se do “campo reservado aos saberes e aos discursos” Gondar (2005, p. 15), adentra às práticas de ordem política e, sobretudo, ética, que indagam “em que direção essa concepção de memória nos lança, o que podemos esperar e como nos engajamos nessa espera?” (GONDAR, 2005, p. 16-17) Trata-se, pois, de estabelecer um futuro que se conformaria às propostas formuladas no presente e direcionadas ao passado, e que afirma que nada existe de neutro em qualquer documento, pressuposta uma concepção de memória no próprio ato da escolha. Mais uma vez, considerados os objetivos e a natureza da fonte, adotar semelhante concepção passaria pela adição de um viés político ou crítico que não se coaduna ao conteúdo narrativo das cartas, intensamente subjetivo.

A terceira proposição — mais adequada aos objetivos desta pesquisa — concebe memória como uma construção processual. Esta construção processual não conduz, todavia, a uma reconstituição do passado, mas, sim, a uma construção mesma desse passado que se quer reelaborar, “com base nas questões que nos fazemos”. (GONDAR, 2005, p. 11) Ou seja: com base nos problemas implicados na pesquisa, sobretudo. No caso presente, no exame da possibilidade de se apresentarem sensibilidades e sociabilidades inerentes a determinado espaço e tempo urbanos através de dados fornecidos pela fonte.

O aparecimento dessa terceira concepção apresentada por Gondar deveu-se ao surgimento de uma zona de saberes voltada ao social:

[...] no século XIX, o próprio *social* se tornou objeto legítimo de saber e permitiu inclusive o surgimento de um novo campo de estudos, o das ciências sociais. Mas se enfocamos o primeiro termo — construção —

somos conduzidos a uma ideia menos óbvia, porém não menos importante, que diz respeito ao elemento que a memória articula e que simultaneamente a alimenta: trata-se do tempo, componente inseparável do conceito de memória. (GONDAR, 2005, p.18)

Mas esse tempo, especialmente em cartas de amor, assume uma dinâmica de presente constante, como se o tempo dos apaixonados se voltasse ao reforço da continuidade, da manutenção do vivido que é pleno de encantamento:

“Vivo os meus dias a pensar em ti. E só a memoria trabalha. Nosso pequeno passado desenrola-se aos meus olhos. E a memória põe-se, então, a allumiar os quadros mais vivos da minha historia romantica de rapaz simple e sentimental. E ella começa a dizer a legenda de cada um. Foi um olhar... foi um gesto... foi uma promessa... Naquella manhã, no passeio de um jardim... as nossas mãos enlaçadas... Depois, numa noite, uma rusga... uma lagrima... um perdão... E uma chusma de cousas mais, que eu só te poderei dizer de viva voz, explicadas pela expressão dos olhos e dos movimentos..”. (CONJUNTO 13)

Ora, ao aprofundar esta terceira proposição sobre memória social, Jô Gondar remete à história do pensamento clássico de Ferdinand Alquié, e refere justamente uma verdade que residiria, não no tempo, mas no que é subtraído a esse tempo:

Por meio da reminiscência, os homens teriam acesso ao mundo inteligível, recuperando, ainda que de modo imperfeito, as verdades originárias. A memória platônica não é individual nem social, e tampouco tem por função a reconstrução e a ordenação do passado. (GONDAR, 2005, p. 19)

Cartas de amor, permeadas de elementos românticos, repletas de idealidade, apresentam constantes recorrências ao sensível. As percepções do sujeito apaixonado, contudo, ao narrar seu estado, produzindo, como adiante se verá, escritas de si, estabelece um passado que se projeta no futuro. Neste futuro se encontra a amada, onipresente, atemporal. O remetente, ao narrar sua memória de si, o faz também perante a destinatária, ambos inseridos, contudo, em um mesmo corpo social que modula essa comunicação, articulando-a conforme os estatutos então vigentes na sociedade a qual integram. E mais: ele encontra a amada na própria ausência desta, a partir de lugares comuns a ambos:

Maria — Hontem, fui até a casa que abandonaste, fui em visita de recordação, soffrer a volúpia do abandono. Pobre casa que te guardou!...

Quando cheguei, à procura de qualquer coisa que lá houvesse deixado: um perfume, uma expressão... ella me sorriu um sorriso de tristeza, em que vislumbrei uma queixa, um desconsolo doloroso de velhice abandonada. Estive, horas e horas, a conversar com ella, a exhumar, a reviver... (CONJUNTO 09, a)

Tudo passa pela presença do ser amado, o amor sendo percebido individualmente como verdade eterna. Não é sem razão que o amor é sempre para sempre, ainda quando a razão lhe atribua a inconstância de uma chama. Contra essa razão, e mesmo contra a inexorabilidade do tempo ele mesmo, surge a memória:

O que o homem espera da memória é que ela o salve da degradação, que o retire do tempo, conduzindo-o às verdades eternas, formas imóveis e anteriores a tudo que se constrói, a tudo que muda, a tudo que é acidente e contingente. (GONDAR, 2005, p. 19)

Tome-se por paradigma agora o conteúdo da seguinte narrativa de Francisco:

Então, as duas semanas que já passaste longe de mim são, para ti, apenas mais longas que dois meses??... Para mim, entretanto, elas são incommensuráveis. Não posso medir-as tal o seu tamanho. Eu sinto unicamente um vácuo dentro de mim. (CONJUNTO 27)

Cartas de amor são escritas em função de um memorável que visa a excluir-se ao tempo, preservando-se. Os documentos produzidos por Francisco, em especial as cartas que escreveu a Maria, voltam-se a essa preservação que se dá através da memória que registra tanto o sensível quando o sociável:

Como eu me lembro!... E como é bom lembrar!... Como é bom evocar o tempo que passou, o nosso tempo, aquelle tempo... Recordar, re-sentir o que ficou lá longe, perdido... Velhas sensações que nos despertam novas... Frangalhos de nós mesmos deixados ao longo do tempo... O passado... Bastante razão tem Henri Bataille: o passado é um segundo coração que bate em nós... (CONJUNTO 07)

Ainda que executando aí um trabalho que se dá na ordem das subjetividades, essa memória individual reflete nada menos que o social, para o qual também existe um passado de natureza antes *reconstruível* que *reconstituível*, o que explica a opção por essa terceira proposição de memória social.

Para completar o quadro, registre-se que Gondar apresenta ainda uma quarta proposição, qual seja, a da memória não redutível a representações, uma vez que estas últimas “não surgem subitamente no campo social, mas resultam de jogos de força bastante complexos, envolvendo combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alteram”. (GONDAR, 2005, p.23) Integrariam o processo também a invenção, a produção do novo, de sorte que “não haveria memória sem criação”. (GONDAR, 2005, p. 26) Tal concepção, por sua vez, volta-se bem mais a pesquisas dirigidas ao campo das representações coletivas, portanto, à solução de problemas de pesquisa de ordem diversa daquela pertinente aos aqui formulados.

Dessa forma, considerada aquela terceira proposta já exposta por Gondar de um lado, e, de outro, o objeto, cartas de amor, especialmente as que constituem a fonte, mostra-se possível, não a reconstituição, mas uma reconstrução processual da memória social a partir das cartas de Francisco. Ressalte-se, porém, que a organização do corpus documental, bem como o registro de sua história como parte de uma coleção, levam à contextualização da fonte, fato que lhe confere maior efetividade no resgate de elementos de memória social. Em outras palavras: quanto maior a organização das fontes e quanto mais se conhecer acerca da origem da mesma, maior o grau de confiabilidade que se pode atribuir às informações ali obtidas.

3.1 Cartas, escritas de si

O emprego de cartas como objeto de pesquisa pressupõe uma análise. Nesse sentido, valiosa a contribuição de Santos — na produção de sua tese de doutoramento — que se deteve sobre um conjunto de cartas cuja peculiaridade foi a de terem sido escritas no hospício, por um indivíduo tido por louco. Nem é preciso referir que a contextualização da fonte, o traçado de sua história, o registro de sua descoberta foram aspectos fundamentais para a solução dos problemas de pesquisa. Ou seja: acaso não se soubesse a origem das cartas, fossem elas encontradas em outro contexto que não o de estarem a integrar um prontuário de hospício, e seus conteúdos, certamente, não se mostrariam tão aproveitáveis quanto foram.

Ao aprofundar o estudo de cartas, Santos coloca:

A memória, por sua vez, também está presente, como um registro, nas escritas pessoais de cartas. Na vida prática, ela é evocada de inúmeras formas... Através de cheiros, sons, paladares, pelo olhar de alguma imagem, por sensações vagas, como déjà vu. E por que não pelas palavras? (SANTOS, 2008b, p. 93)

Como paradigma, observe-se:

Som, perfume, contacto... Na conjunção destes tres termos, trouxe-te inteira, toda caricias, de forma espiritual. E trouxe um mundo também, porque te trouxe. E trouxe tudo o que é meu, tudo o que faz a minha vida, (.....)²⁴, a ti, que és a minha vida, o meu único bem, que me dá tanto mal, às vezes... Mas, na vida, tudo é assim... (CONJUNTO 08)

Tem-se aí a própria evocação da memória veiculada numa expressão de si:

Mas também as cartas são veículos pessoais de expressão de si, expressão de sentimentos ligados à interioridade de alguém, que se quer transmitir, para um ou para muitos. Sem destruir as sociabilidades epistolares, a constituição de uma existência privada, distante do espaço público, investe de valores de intimidade todas as práticas da escritura ordinária. (SANTOS, 2008b, p. 94)

Esses sentimentos interiores que se deseja transmitir denotam a subjetividade, algo “presente em toda e qualquer manifestação humana”. “A subjetividade humana é um produto não apenas da história individual, mas, também, da história coletiva do homem, de sua cultura”. (SANTOS, 2008, p.71)

Em cartas de amor, a descrição dos próprios sentimentos, dúvidas, inquietações, a exposição de si para o outro, e mesmo o questionamento dos respectivos gêneros:

Mas eu te amo. E não sei donde nasceu este amor, não sei donde elle veio... Sei apenas que te amo, e muito. Será por seres mulher, e por ser eu homem? Mas se fosses homem, não serias meu amigo? Eu, por certo, se fosse mulher, seria tua amiga, tua amiga exclusivista, que não te permitiria a graça de um namorado... Viveria contigo, e contigo morreria... Que loucura, Santo Deus! Que ninguém saiba dessas cousas! Apaga, por favor, os últimos periodos. Mulher, eu? Que blasphemia! Perdoa-me, meu amor! Perdoa. Do teu Francisco”. (CONJUNTO 08)

²⁴Illegível.

Francisco é confessional, fala de um estado, de uma experiência que ele narra a partir do que percebe em si próprio. Todavia, é justamente esta narrativa auto-descritiva que importa como fonte:

A escrita de si, ou escrita pessoal, é uma fonte privilegiada para tecer a rede de subjetividades que se pode perceber sobre certa questão, em determinada época, levando a uma busca mais contundente de conteúdos e valores. (SANTOS, 2008a, p. 76)

Ora, assim como a cultura assume caráter abrangente semelhante a uma rede, pode-se dizer que essa fonte privilegiada que Santos refere — pertinente a certo tempo e carregada de conteúdos axiológicos — possui uma inteligibilidade comum que atravessa a narrativa, que a faz compreensível e acessível ao intérprete:

Em outras palavras, é por intermédio da subjetividade inserida no olhar, ou no texto do historiador, que também nos deparamos com a subjetividade do passado, sob forma de “sensibilidades passadas”, isto é, percebemos o modo pelo qual o passado — em qualquer instância da vida — foi sentido, vivido, percebido e realizado por aqueles que lá estiveram. (SANTOS, 2008a, p. 75)

Diz-se que o passado não existe, pois que ele apenas comporta versões. Tais versões são o produto daquilo que foi vivenciado, subjetivamente sentido, mas que é exteriorizado por intermédio de práticas culturais comuns a determinado grupo que as reconhece tanto quanto nelas se reconhece a si próprio, pode-se dizer, de modo paralelo, que a cultura produz versões de conteúdos comuns, e isso se estabelece então como um processo dinâmico e construtivo de memória social. “A escrita epistolar interessa como fonte por estar prenhe de práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de sensibilidades sobre determinada época”. (SANTOS, 2011, p. 76)

Ora, como já se afirmou na parte introdutória a essa dissertação, a partir da memória social chega-se ao terreno das sensibilidades e das sociabilidades.

3.2 Sensibilidades e sociabilidades apontadas nas fontes

Pesavento forneceu a referência básica de sensibilidades, já apontada na parte introdutória, definindo-as como correspondentes a esse “núcleo primário de

percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social”. (PESAVENTO, 2005, p. 1) É pelo sensível que se reconhece e que se traduz a realidade que emerge em nós a partir dos sentidos. Todavia, pode-se dizer que esse núcleo de percepção, no Francisco apaixonado das cartas, desloca-se para Maria. Ela consiste nesse centro tradutor de sua própria experiência de si, centralizando o universo e emprestando um sentido à vida do escritor:

Doente, criei o meu universo proprio, cheio de recordações de um passado na apparencia remoto, e tu és o centro desse universo. Para esse centro convergem todas as manifestações da minha vida, a vida do teu Francisco. (CONJUNTO 12)

Já as sociabilidades tomadas a Leenhardt como “aptidão de viver em sociedade” (LEENHARDT, 2010, p.27, 28) associam-se às sensibilidades, sempre estas últimas se apresentando como atributo ou qualidade sociável, nascida de um hábito, de uma prática, de uma habilidade:

O piano, ao longo da parede, punha uma nota sublime de melodia no aposento. À noite, antes do chá, mal acabavam de soar, no relógio da Igreja, as badaladas das dez horas, tu te sentavas ao piano. E logo, os primeiros acordes da Cathedral engloutie²⁵ começavam espaçadas, sonnolentas, envoltas em sombra, a arrancar pedaços da alma... (CONJUNTO 07)

A precisão da fonte é indiscutível, não obstante o arroubo apaixonado do escritor. Trata-se da própria civilidade servida na carta, circunstanciada ao sabor de um hábito que vem evidenciado em detalhes de domesticidade.

O sentimento religioso também é descrito conforme Francisco o percebe em Maria:

Bem me lembro de tudo isso... Eras muito religiosa também. Junto a uma janella, collocaste um oratório, com a imagem de Santa Thereza do Menino Jesus, e uma chamma de amor e de fé, a crepitar... Tinhas uma devoção especial por essa Santa. Recordo que, uma vez, eu fui te encontrar de joelhos em frente della, as mãos postas, numa attitude de êxtase e uma imploração no olhar. (CONJUNTO 07)

²⁵Trata-se do conhecido prelúdio para piano composto por Claude Debussy em 1910, *La cathédrale engloutie*

A subjetividade alinha-se à escrita, ao ato que produziu as próprias cartas. Escrevendo-se cartas ou fazendo literatura, escreve-se conforme o receptor de nossas mensagens, público destinatário, ou destinatário singular. Escreve-se sociabilizando-se, burilando a linguagem, escolhendo as palavras, ajustando concordâncias, evitando as rimas ou provocando-as. Escreve-se distraidamente, descompromissadamente, como quem rabisca um lembrete ou produz um palimpsesto. Escreve-se com vistas a uma proximidade ou a um distanciamento. Escreve-se socialmente, e ainda que se tratem de cartas impessoais, nelas sempre irá algo de particular ao missivista, — esta sua subjetividade mesma da qual falamos — nem que seja a cor da tinta ou o tipo do papel, a elegância ou o descaso na forma da assinatura. Escrevendo, interpreta-se a si e ao outro, critica-se. Enfim, o cartear-se, revela-se como ato de sociabilidade, como filtro de comportamento, onde o que não se diz assume valor de discurso:

Maria — na tua carta de onthem, accusas-me, num tom de queixa e de magua, de encontrar singular encanto na novidade. E, com subtileza de phrase, realçada pelo prestigio perverso das reticencias, que são tudo e dizem tudo, deixas entrever mesmo uma ponta de surpresa, explicavel apenas nas creaturas que não têm consciencia da delicia fina e capitosa do 'frisson nouveau'. (CONJUNTO 25, a))

Francisco, ao longo dos anos, valeu-se de papéis de diferentes gramaturas e tamanhos, distribuindo a escrita no espaço com notável elegância, empreendendo-a com firmeza, fazendo uso sempre de tinta preta e assinando seu nome precedido do pronome possessivo que anunciava o pertencimento de sua pessoa à de Maria: do “seu” Francisco, finalizava. Tal detalhe, dentre outros, faz ver que, não apenas o conteúdo da narrativa, mas também as cartas em sua realidade material e documental também interessam ao pesquisador, na medida em que informam sobre regras de sociabilidade. Essa realidade material da correspondência foi objeto de uma fina observação feita por Francisco, quando coloca para Maria que não pretendia ir além de quatro páginas, referindo-se à época em se utilizava de cartões vergê de alta gramatura, de tamanho reduzido (18cm x 22cm).

Eduquei o meu instinto. Por isso possuo, imperfeito ainda, o senso da medida, dessa maravilhosa medida, que é a suprema elegancia, a suprema beleza, na arte e em todas as manifestações da vida. Desse jeito, eu fixei a medida para as minhas cartas. É do meu gosto que todas acabem invariavelmente na quarta página. Entanto, haverá transigencias: quando o sentimento romper os preceitos da medida. At. am.²⁶ Do teu Francisco. (CONJUNTO 24)

Eis aí, ao final da carta, a regra de sensibilidade empregada como marco regulador da sociabilidade. Sensível e sociável se fazem ver, materializam-se a partir da fonte, do mesmo modo que fatos sociais e eventos marcantes também se deixam pontuar:

Voltei com a alma lavada, pura como o perdão, alegre como a alegria. E com um desejo suave de fazer qualquer coisa que trouxesse uma felicidade igual a que teve Jesus quando cobriu de perdão a cabeça dos seus algozes... ou de ouvir qualquer coisa que me extasiasse, na magia do seu encanto. Esta última felicidade parece que vou ter. E talvez muito breve. Ella virá do sortilégio da voz de Zola Amaro²⁷, que teve a deliciosa bondade de aceitar o convite que lhe fizeram nesta cidade. Como estou contente! (CONJUNTO 30)

Mas cartas de amor falam de amor. Sendo confessionais e sua produção obedecendo a preceitos vigentes em tempo e lugar, também para apontar modalidades afetivas desse sentir vão mostrar-se preciosas.

Eu soffro também! E o meu soffrimento é eterno, porque é o reflexo do meu amor. O meu amor é grande e doloroso. E é infeliz da sua própria grandeza. Ah, si eu pudesse amar menos um pouco!...(CONJUNTO 16)

Sabendo ou não definir ou conceituar o que seja o amor, e mesmo diante da impossibilidade de algum dia essa emoção vir a ser decifrada, é fato que o amor existe no imaginário dos homens. Sobre ele, muito já escreveram poetas e literatos. O amor impressiona sensibilidades, forma-as, incita-as. Mesmo homens de ciência e guerreiros atreveram-se a sondar a natureza do amor. É difícil não encontrar alguém

²⁶Muito provavelmente para significar “até amanhã”, pois a carta termina rente ao final da página, a assinatura aposta no canto inferior direito.

²⁷Trata-se do nome artístico Risoleta de Mazza Simões Lopes, (1891-1944), cantora lírica gaúcha, nascida em Pelotas, que teve bem sucedida carreira artística.

que, ao menos uma vez, não tenha experimentado esse sentimento. Talvez nenhum outro tema tenha inspirado tantos romances, tantas poesias, tantas peças teatrais, filmes, enfim, tantas produções culturais. Histórias de amor, por prosaicas e repetidas que sejam, continuam tendo — e tudo indica que continuarão a ter — um público certo e não pouco numeroso de espectadores atentos e esperançosos, quem sabe, de um dia poderem ter sua própria história para contar, registrar ou meramente imaginar. Amor, memória e imaginação apresentam-se a seguir como conceitos elaborados pela subjetividade de Francisco:

Amar é sofrer. Sofrer não só a dor, mas o prazer, a alegria, a vida! Sofrer a tortura que passou, a tortura que é, a tortura que virá. Sofrer a dor já adormecida no passado, pela memória; sofrer a dor que nos espera no futuro, pela imaginação. (CONJUNTO 19 a)

Existe aí uma pertinência eminentemente cultural pelo compartilhamento de elementos simbólicos que também identificam gerações, diferenciando uma da outra, por exemplo. Na lógica absurda das paixões, no que elas têm de mais paradoxal, revelam-se modos de agir e de sentir:

Declama-se sem fim contra as paixões; se lhes imputa todas as penas do homem, e esquece-se de que elas são também a fonte de todos os seus prazeres [...]. Todavia, não há senão as paixões, e as grandes paixões, que possam elevar a alma às grandes coisas. (DIDEROT apud LOTTERIE, 1998, p. 25)²⁸

É preciso munir-se de uma percepção nova, dispor-se a trabalhar diferentes sentidos que apontam, ora para as sensibilidades ora para as sociabilidades, uma moldando a outra, no particular dos enamorados que acontece diante da universalidade do meio social que se reflete em formas de comportamento que são descritas, discutidas e criticadas:

E, demais, acabar com isto por meio de carta é tão banal já, tão repetido. Não tem nem o relevo dos lances dramaticos do terceiro ou do quarto acto... Acaba tão fria, tão 'imediatamente'. As paixões não se accendem, os

²⁸ Do original francês, tradução da autora.

dialogos ardentes de commoção, não relampagueiam e a “tragicomedia epistolar” não termina nunca com seu classico gesto romantico do enxugar das lagrimas derramadas... Por isso eu não quero ‘acabar com isso’ por carta. Em amor, eu sou actor tragico moderado... Do Francisco”. (CONJUNTO 21 a) e b))

Conteúdos dessa natureza tornam perfeitamente compreensíveis as exigências conceituais que o método proposto pela História Cultural recomenda:

Mas a História Cultural apresenta riscos e põe exigências: é preciso teoria, sem dúvida, ela exige o uso desses óculos, conceituais e epistemológicos para enxergar o mundo. A História Cultural pressupõe um método, trabalhoso e meticuloso, para fazer revelar os significados perdidos do passado. Pressupõem ainda uma carga de leitura ou bagagem acumulada, para potencializar a interpretação por meio da construção do maior número de relações possíveis entre os dados. Como resultado, propõe versões possíveis para o acontecido, e certezas provisórias. (PESAVENTO, 2003, p. 119)

Indiscutivelmente existirá sempre um desafio dirigido pela fonte diretamente ao intérprete, que é instado a interpretar um passado que já começa a se apresentar com uma diferente proposta gramatical, com um léxico que, muito provavelmente, não foi peculiar à sua geração, com menção a fatos que devem ser devidamente esclarecidos:

Nada temas da revolução²⁹. Os revolucionarios, segundo notícias dos jornaes, estão acampados na fronteira de Matto Grosso com o Paraguay, e as forças legaes estacionaram no Paraná para evitar a sua passagem para o sul. (CONJUNTO 13)

Trata-se de apontar ainda elementos concretos, basicamente escolhas semânticas, que nos permitirão apreciar representações sociais, reconstruindo o papel que determinado tempo e lugar assinavam à vida afetiva, ao imaginário, enfim às sensibilidades e sociabilidades, desvendando, assim:

[...] o mecanismo das instituições de uma época; as ideias dessa época ou de uma outra: eis o que o historiador não pode compreender ou fazer compreender sem esse cuidado primordial que eu chamo, eu, psicológico: o

²⁹ Pela data da carta (1924), pode tratar-se de menção a acontecimentos originados com a chamada revolta tenentista, movimento que antecedeu a Revolução de 1930, e que já então mobilizava tropas pelo Brasil.

cuidado de unir, de incorporar a todo o conjunto de condições de existência de uma época o sentido dado às suas ideias pelos homens desta época. (FEBVRE, 1998, p. 3)

Eis o paradigma que desse precedente teórico, o sentido apontado pelo homem a nada menos que as novidades, elementos dos quais o século XX mostrou-se pródigo:

Não cabe, em absoluto, na medida estreita de uma carta, uma dissertação, embora *synthetica*, sobre a novidade e as suas diferentes e infinitas expressões. Ela tem varias modalidades, exprime-se permanentemente, de diversas maneiras, numa sarabanda interminável. É difícil, senão impossível, fixar o processo de sua manifestação. Ela é variável, *polyforme*, e não obedece a *methodo* algum. É sempre o resultado de um complexo de circunstancias variadas, distintas, e até opostas, às vezes. (CONJUNTO 25, b))

Outra questão, que pode ser intransponível, envolve subjetividades, não só aquelas, de ordem profunda, e que são, de qualquer sorte, peculiares às escritas de si; mas as outras, as do pesquisador:

...outro desafio é aquele trazido pela incorporação da subjetividade no trabalho do historiador. Primeiro, o desafio dá-se pela consciência da própria subjetividade do historiador, com sua intuição, sua individualidade, sua trajetória de vida e sua inserção no mundo acadêmico e social. Depois, quando se leva em conta a subjetividade dos atores a resgatar no passado. Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares. (PESAVENTO, 2003, p. 118)

O romantismo de Francisco aflora, quase místico:

O artista romântico figura o porta-voz de uma verdade que ele é o único a poder transmitir. “Sua valorização do sonho e do sobrenatural, seu gosto pelos grandes sentimentos e sua paixão pelo inútil opõem-se ao materialismo, ao positivismo e, sobretudo, ao utilitarismo social”. (CASIN-PELLEGRINI, 2003, p. 61)³⁰

³⁰ Tradução livre da autora.

Não se está, todavia, no terreno da literatura, mas naquele onde tem lugar a vida real que imita a arte:

E eu vivo para amar. Vim ao mundo para não fazer outra coisa que não seja amar. E não só amar, mas sentir o amor. E esta é a maneira suprema de viver a vida, através do amor em todas as suas cambiantes de alegria e dor, prazer e alegria. E, eu creio, o amor é o mais alto motivo de viver dos homens. Nasceram dele, e por ele vivem. (CONJUNTO 12)

Eis o chamado romantismo, e nele podemos reconhecer de plano a imperatividade do sufixo *ismo*, determinando a predominância do amor sobre todas as coisas, especialmente como oposição à realidade dada exteriormente, essas vivências menores, tipicamente realistas, que denotam um viver pautado por rotinas e referenciais cotidianos, direcionados no tempo como sucessão de fatos. Escrever é algo muito pessoal: “Acredita-se que é no espaço da intimidade da escrita onde se revelam os ‘fantasmas’ que povoam a mente ‘sempre inquieta’ de um escritor”. (SANTOS, 2008, p. 98) As paixões têm ainda o condão de afetar justamente a percepção do escoar da vida, a percepção do tempo pelo sujeito e, por conseqüência, modularem a própria memória.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo. (BOSI, 2003, p. 31)

Lidar com fontes epistolares e, particularmente, com cartas de amor, significa lidar indiretamente com vivências, resgatando-as de um imaginário plasmado na escrita, muitas vezes elaborado em figuras de linguagem que expressam a realidade vivida de modo absoluto, sem meias-tintas, bem ao sabor das paixões mais desmedidas:

Amar é sofrer. Sofrer, não tão só a dor, mas o prazer, a alegria, a vida! Sofrer a tortura que passou, a tortura que é, a tortura que virá. Sofrer a dor já adormecida no passado, pela memória; sofrer a dor que nos espera no futuro, pela imaginação. Sofrer o mistério de todas as coisas. Sofrer a ânsia de um ideal de arte, que se realiza pelo amor, máxima manifestação da vida. Sofrer a incompreensão do infinito. (CONJUNTO 19)

Ao tratar de sensibilidades e a de sociabilidades, Leenhardt afirmou:

A insistência sobre este termo *emoção* implica que dois registros sejam excluídos do campo semântico da *sensibilidade*: o da vontade e o do entendimento. A sensibilidade é, por conseguinte, uma *paixão*, um estado passivo de receptividade e, o que para a filosofia é outra maneira de dizer a mesma coisa, a *sensibilidade* não pertence à ordem da razão nem à da inteligência conceitual. (LEENHARDT, 2010, p. 27)

A segunda noção é definida pelo mesmo autor como “aptidão de viver em sociedade”, compartilhando códigos e referências comuns a determinado grupo a partir da *civilidade*, que se traduz pelo saber viver.

É na moda que a novidade mais perdura. Ella aponta, num destaque maravilhoso de ineditismo, que é sua pompa principesca, e estabelece o seu império absoluto. Reina subjuga, domina. Cria as leis do bom gosto. Desenha os modelos da elegancia. Traça as linhas momentaneas da distincção. (Eu falo da novidade da moda lançada por um arbitro, por um mestre perfeito do bom gosto e da elegância.) Afinal, chega à culminancia de seu reinado deslumbrante. E um dia marca o incio da sua decadencia, soberba e triste... O seu esplendor despótico é ephemero, como todas as cousas da vida... E ella, Ella morre... (CONJUNTO 25)

Percebe-se que se trata de um código de comportamento peculiar àquele tempo e lugar e peculiar ainda à determinada classe social. Esse comportamento implicava num agir que pressupunha um saber, nada menos que o saber-viver preconizado por Leenhardt. Esse saber-viver tem clara relação com as escolhas do indivíduo, também no que concerne ao comportamento que adota, escolha que pode sujeitá-lo a críticas:

Disseste-me que vaes cortar os cabellos para te innovar em parte. Mas, cuidado! Alem de muito material, essa innovação é inesthética. (CONJUNTO 25)

Nada mais natural que Maria mostrar desejo de cortar os cabelos, quando corria o ano de 1925. Essa novidade, contudo, chocou Francisco, frequentemente crítico, sempre que Maria manifestava algum comportamento inovador. As cartas apontam para tensões que envolvem maneiras de ser e comportamentos.

Não sei se tenho razão. Entanto, dir-te-hei, de primeiro, que tu sabes amar bem à moderna, que tu me amas com sabedoria e com elegancia bem feminina. Não sei si no que digo vae um excesso de engano. Assim o

acontecesse! Para meu socego e felicidade [...] Porque, no final de duas das tuas cartas, 'Forget me not', 'Mon plus grand doux souvenir'? Na frieza destas expressões estrangeiras não sinto o reflexo da tua alma. Bem vêes que na petulancia (perdôa-me o dito) um pouco litteraria desses termos não pode caber a sinceridade de um coração que ama cegamente. E o amor, quando não é cego, não é verdadeiro. Nelle entra o calculo, o equilíbrio das conveniencias. (CONJUNTO 15)

Francisco é refém de suas próprias dúvidas. Procura sempre ler no comportamento de Maria que ele mesmo reproduz nas cartas, seja descrevendo, seja criando-o, um motivo que reforce suas incertezas. Reafirma sempre seu amor, mas não perde nunca a oportunidade de modulá-lo ao sabor do desencanto, do sofrimento, do sacrifício. O romantismo impregna toda a sua correspondência e direciona as sensibilidades.

Finalmente, acredita-se que foi possível evidenciar, com base em referências existentes na fonte, a memória social, apresentando-a como um processo construtivo, considerada a natureza do objeto (cartas de amor) e a peculiaridade da fonte, tomada como fragmento do passado. De igual modo, buscou-se referenciar cartas de amor, acentuando seu caráter subjetivo e sua condição de escrita de si, para, com isso, validar a fonte, já historiada e classificada no capítulo anterior, de sorte a poder, então, alcançar objetivos propostos nesta pesquisa.

4 PORTO ALEGRE IMAGINADA. SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE ONDE O AMOR ACONTECE

O presente capítulo será dedicado à construção de visões do espaço urbano de Porto Alegre, a partir da fonte, fazendo uso de registros efetuados por Francisco, escolhendo-se, especificamente, trechos de três poemas (CONJUNTO 04)³¹ e de duas cartas (CONJUNTOS 09 e 32). A ideia consiste em explorar algumas das referências, das figuras de linguagem e dos relatos da lavra do escritor, demonstrando sua relação com o espaço urbano metaforizado pelas sensibilidades de um apaixonado, daí a licença poética do título dado ao capítulo.

A relação entre a cidade e os homens que a habitam, ou que apenas habitualmente a frequentam, vem sendo objeto de estudos, avaliações e perquirições acerca de sua natureza, inclusive do ponto de vista da História Cultural. Por outro lado, há lugar não apenas para uma concepção dessa cidade em um espaço real, como ainda é ela plena de imaginários, de lugares onde a ficção acontece na interioridade dos sujeitos, exteriorizando-se depois mediante suas práticas.

Além disso, uma cidade se faz por suas expressões. A cidade é também a construção de uma mentalidade urbana. A vida moderna vai pondo tudo em um tempo, um ritmo, umas imagens, em uma tecnologia, em um espaço que é não só real (como se diz daquele lugar onde cabem e se colocam as coisas), mas também simulado, para indicar o lugar da ficção que nos atravessa diariamente. (SILVA, 2001, p. XXV)

³¹Quando se procedeu à classificação dos documentos que integram os conjuntos que perfazem o corpus documental — a fonte — desta dissertação, isolamos, sob o número 04, três poemas escritos por Francisco: “Footing” 04.c), “A Praça Velha” 04.b) e “Canção dos Arrabaldes” 04.a). Todos foram escritos com lápis de cor azul. Dois deles possuem referência a mês e ano: agosto de 1923; o que não possui data, todavia, encontrava-se junto aos outros dois, tendência do traçado gráfico manual semelhante nos três documentos.

Pode-se estudar uma cidade a partir de seus dados oficiais, especialmente econômicos, de suas estatísticas, produzindo com isso uma seriação infundável de relações, de inquestionável exatidão, que tudo informam, mas que pouco ensinam, ao menos do ponto de vista que se propõe aqui abordar, a saber, o das sensibilidades e o das sociabilidades.

Quando Sandra Pesavento escreveu sobre cidades, ela realçou o fascínio que elas exercem sobre os homens, e ressaltou a relação do espaço urbano como compreensão do social e do sensível

[...] a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.

.....
Mas a cidade é, ainda, *sensibilidade*, [...]. Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significado ao mundo. Cidades pressupõe a construção de um *ethos*, o que implica na atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de *urbano*. (PESAVENTO, 2007, p. 14)

Essa percepção do elemento sociável acontece em “Footing”³², e vem acompanhada do questionamento dos valores implicados nesse hábito de sociabilidade:

Na tarde radiante, todos vão a passear,
todos vão a rodar, todos vão a girar.
Pelas ruas, ascende o perfume da graça,
incensando, amoroso, a alegria que passa,
a alegria efêmera e bôa dos momentos.
(CONJUNTO 04, c)

Nota-se marcante ênfase ao artificialismo empregado pelos “passeiantes”, que se tornam meramente passantes que giram, que rodam, que se movimentam na efemeridade do instante. Este instante, todavia, propõe exigências: o perfume que apela à sensorialidade, a alegria que e se propaga como esse incenso. Como a

³²A prática do “Footing” — do inglês passeio a pé, caminhada — consistiu em um hábito citadino que persistiu por décadas em Porto Alegre. Tratava-se do costume de, ao cair da tarde, no encerramento dos expedientes de trabalho, as pessoas vestirem o que de melhor tinham e dirigirem-se ao centro urbano, no caso de Porto Alegre, à Rua da Praia, com o objetivo de verem e de serem vistos um pelos outros.

alegria, o perfume também é passageiro, provisório, é faceta da cidade que se traduz por uma multiplicidade de estados onde a individualidade se perde, e da qual o poeta se exclui, para melhor poder pensar sobre o que vê:

Eu fico a ver esta onda humana que, agitada,
a rodopiar, passa ante os meus olhos cansados.
(Que philosophia deliciosa,
a philosophia das attitudes!)
(CONJUNTO 04, c)

O poema traz ainda uma leitura crítica dos que se entregam à prática, a partir das atitudes manifestadas pelos “passeiantes”, homens e mulheres:

Todos passam... Homens activos, preocupados,
homens vagarosos, homens sabios,
mulheres faceiras, a entoar, nos gestos, o hynno
imprudente e ridículo da sedução,
mulheres futeis, mulheres inuteis,
todos passam pelas ruas,
todos andam, vertiginosamente,
pela calçada anonyma das ruas,
atraz de um fim, atraz de um destino...
(CONJUNTO 04, c)

Francisco descreve uma cidade onde os comportamentos são referenciados com juízos de valor. A vaidade feminina é francamente hostilizada, ficando claro que ele, poeta, não se deixa seduzir pelo artificial, muito embora não seja indiferente a esse feminino que se expressa por gestos sedutores. Nessa cidade de fragmentos que nos é servida em versos, sobrevive um testemunho quase profético no que respeita à modernidade que impunha o ritmo vertiginoso desse deslocamento.

E a multidão toda passa, num torvelinho,
agitando-se num movimento de vida.
E é uma vitrina esplendorosa onde rebulha
a moda, em facetas de luxo e novidade,
pondo os olhos feminis, em mil curiosidades,
o grupo delicado das futilidades
decorativas dessas aves dos salões

que, ante ella, em bandos garrulos, alegremente,
conversam e discutem, encantadoramente.
(CONJUNTO 04, c))

Bresciani (1997, p. 16) já acentuava: “Modernidade é o transitório, o rápido, o contingente”.. E o homem que se encontra em meio a essa modernidade:

[...] vive o impacto da fragmentação, do efêmero e das mudanças caóticas e forma sua sensibilidade no centro da experiência de tempo, espaço e causalidade sentidos e equacionados como transitórios, fortuitos e arbitrários (BRESCIANI, 1997, p. 15)

Há, porém, os contrastes que esse urbano comporta. Contrastes que também podem ser observados a partir do confronto entre “Footing” e — como agora se verá — “As Praças Velhas”. De um lado, os centros e o torvelinho dos que acorrem ao passeio: uma sociabilidade cheia de códigos aos quais Francisco se propunha a decifrar através de sua filosofia das atitudes; de outro, o espaço urbano que já foi palco de acontecimentos, mas que sofreu depois o abandono. Como as velhas praças:

Pobres praças velhas!
Como me comove a sua melancolia,
como eu amo, como eu adoro as praças velhas,
com as suas árvores senis e belas,
.....
com seu pobre repuxo,
antes faiscante de luxo,
de rica pedraria,
agora, mudo e repassado de ironia,
na sua melancholica solidão
(CONJUNTO 04, b))

A relação é de memória e esquecimento. A emoção do poeta se expressa pela simpatia, pela identidade que alega estabelecer com a melancolia que percebe no lugar. Sua sensibilidade o faz ver — para além da decadência e da mudez do repuxo de “rica pedraria” — o passado da praça, que já fora glorioso. Do mesmo modo, atribui senilidade às árvores, das quais não retira a beleza.

Francisco é anacrônico. Vive em si um tempo diferente daquele que se passa realmente no local. Está na praça, mas a partir dos dados presentes, dos elementos materiais concretos que o cercam, evoca outro tempo da praça, tecendo como que

duas perspectivas que só são interpenetráveis pela poesia, pelo elemento nostálgico: “O nostálgico não será mais reconhecido como aquele que está fora de um lugar físico, mas como a figura de um sujeito que vive fora do seu tempo”, diz Beneduzi (2008, p.19).

Pobres praças velhas,
Onde o tempo poz a irradiação da agonia,
E a velhice pintou, no gesto do silêncio,
A magestade da melancholia
(CONJUNTO 04, b))

O paradigma é claro. Francisco vive um tempo impossível, que o faz prisioneiro de um sentimento que ele mesmo aponta como sendo a agonia, que embora atribua à praça, é mesmo dele. Com isso vive uma angústia que não é apenas sua, que não é particular à própria subjetividade, mas que acomete o homem moderno:

No final do século XVIII, o advento da sociedade moderna traria consigo uma profunda transformação na percepção da nostalgia, porque se experimenta, então, uma nova imagem do tempo. O mundo pré-moderno apresentava uma vinculação recorrente entre temporalidade e espacialidade, uma vez que a recordação de momentos passados e das horas do dia era vinculada a espaços mnemônicos que criavam a completude do entendimento sobre a variação temporal, ainda que de uma maneira imprecisa e variada. (BENEDUZI, 2008, p.23)

Ora, a recordação morre — a decadência do local, no caso, a praça velha — deixa entrever apenas vestígios do passado, o que gera angústia e tensão, pelo componente impreciso provocado pela variação temporal:

Pobres praças velhas!
que já conheceram a agitação,
o tumulto, o delírio e a vida de um movimento;
que já conheceram
todo o esplendor, todo o deslumbramento
dos dias de festa, dos dias de alegria,
quando uma intensa e louca multidão
por ellas rodou, gyrando no turbilhão.
.....
Pobres praças velhas!
Uma recordação que vae morrendo,
Uma saudade que vai vivendo.
(CONJUNTO 04, b))

Se a recordação morre, a saudade vive. Fica assente aqui a sensibilidade do poeta que associa memória e emoção; a memória, todavia, requer um espaço, não apenas a individual, mas também a memória coletiva. Chama a atenção que o particular aqui, carregado de subjetividade, possa expressar o coletivo, e justamente pela via da sensibilidade. Quando Francisco se depara com a praça e seu abandono presente, faz a leitura sensível das marcas e vestígios, assentando-as num registro que chega a até nós, porque se trata de uma memória comum, compartilhável e, por que não, coletiva:

Não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas emoções concorrem entre si, nada permanece em nosso espírito, e não se compreenderia que pudéssemos retomar o passado se, com efeito, não o conservássemos pelo meio material que nos cerca. (HALBWACHS, 2008, p. 146)³³

O terceiro poema a ser examinado chama-se “Canção dos Arrabaldes”. As notas tristes se repetem, não como na praça, cujo lamento decorria de um tempo passado, de um ontem que já foi glorioso, festivo, marcante. Os arrabaldes são tristes, porque monótonos, porque empobrecidos, acanhados e sem expressão econômica que lhes empreste majestade. São diferentes nichos urbanos da cidade que Francisco nos mostra em sua poesia:

Arrabaldes de muros quebrados,
Das casas pobres e pequeninas,
Das ruas desertas e cheias de pó,
Por onde passeiam, ironicamente,
Entre a poeira doirada do caminho,
A ansia e o tédio da vida.
(CONJUNTO 04, a))

Nos arrabaldes não acontece o “footing”. Eles modulam um viver tedioso, e isso é ironizado pelo poeta, porque a poeira do caminho, sendo dourada, não deveria produzir os sentimentos que ele constata. A prosopopeia, neste caso, omite o sujeito: o homem que ocupa aquele espaço.

³³ Do original francês, tradução livre da autora.

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura do tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (PESAVENTO, 2007, p. 16)

Francisco, ao descrever os arrabaldes, todavia, nos dá pistas de quem são os sujeitos que se encontram inseridos naquele espaço. Lugares e grupos mantêm relações de identidade.

Quando um grupo está inserido em uma parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, ele se dobra e se adapta às coisas materiais que lhe resistem. Ele se encerra no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e as relações estáveis que mantêm com esse meio transmitem, em primeiro plano, a ideia que ele faz de si mesmo. (HALBWACHS, 2008, p. 132)³⁴

Até aqui ocupamo-nos de poemas que tinham por tema a cidade a partir de três diferentes perspectivas. Agora examinaremos parte do conteúdo de duas cartas que Francisco remeteu à Maria. Na primeira delas, Francisco conta que andou pela cidade buscando encontrar a amada, ainda que a soubesse distante. Ou seja: ele volta a percorrer o espaço físico da cidade, provocando a memória, para assim sentir-se mais próximo da mulher amada:

Maria — Longos dias a te procurar em vão, andei pelas ruas da cidade. Meu vulto doloroso, meio esbatido entre a nevoa destes últimos dias, era todo o anseio de uma busca e o desanimo de uma desilusão. Tu não me aparecias... (CONJUNTO 09)

É tentador comparar a poesia de Francisco à de Baudelaire (1857 apud BRESCIANI, 1997, p. 14), quando ambos falam de sua vivência do urbano:

Dans les plis sinueux des vieilles capitales,
Où tout même l'horreur, tourne aux enchantements,
Je guette [...]
.....
La forme d'une ville
Change plus vite, hélas,
que le coeur d'un mortel [...]

³⁴Tradução livre da autora.

Le cygnet ³⁵ (BAUDELAIRE, 1857 apud BRESCIANI, 1997, p. 14).

Nesses dois relatos sobre as sinuosidades das capitais encontram-se observações a propósito das mudanças. Todavia, o coração é estável. O de Francisco não se deixa demover nem pela névoa, nem pelo tempo decorrido. Ele procura Maria, mesmo em vão. O coração de Baudelaire, por sua vez, muda menos rapidamente que essa cidade, a velha capital da qual fala, sinuosa, ora encantadora, ora terrível. Com alguma atenção, pode-se perceber uma quebra de identidade, um estranhamento: o tempo do coração em ritmo diverso do tempo da cidade. Francisco prossegue, descrevendo as voltas que dá pelos caminhos da cidade onde não encontra Maria:

Da primeira claridade do dia, no meio do bulício, entre o torvelinho humano, à meia tinta do crepusculo, sempre em vão, rodei pelos caminhos, em procura da minha vida, em procura de mim mesmo...
(CONJUNTO 09, b))

Marcas de sensibilidades: o homem que não mora em si mesmo, que busca a si próprio na amada, cujo vulto se perde entre o torvelinho humano e as meias-tintas do entardecer, ocasionando-lhe o engano, a ilusão:

E tua figura, vezes e vezes, ephemeramente, aos olhos da minha illusão, na figura das outras mulheres que passavam, vagas, indistintas, tecendo o meu engano.
Rodavam comigo a Saudade, a soluçar a canção das lagrimas, e o meu cigarro.
(CONJUNTO 09, b))

Cumpra agora examinar mais uma carta, deixada para o final, porque sua interpretação vai nos remeter à própria cidade imaginária, a Porto Alegre situada no espaço-tempo da sensibilidade, porque é a Porto Alegre mulher, a Porto Alegre guardiã que protege e esconde Maria:

³⁵Em dobras sinuosas das antigas capitais,/ Onde mesmo o horror se transforma em encantamentos,/ Eu observo [...] A forma de uma cidade/ Infelizmente, muda mais depressa/ que o coração de um mortal [...]. Tradução livre da autora.

Como vae essa mulher? “Que mulher?”... Essa que vive eternamente deitada, numa indolência de princesa oriental, ao longo do Guaíba, a espelhar no Crystal móvel das suas águas? Essa, em quem Deus, no lugar da boca, em vez de boca, poz um coração a sangrar de amor? Essa, em louvor da qual o sol acende lampadas de ouro? Essa, que esconde, num dos seus palácios encantados, a menina linda, a menina feliz, que é, afinal, a menina destes olhos tristes e exilados? Do teu Francisco. (CONJUNTO 32)

Essa passagem é mais enigmática do que se pode supor numa primeira leitura. Francisco fala de Porto Alegre, refletida pelo Guaíba, pelo cristal movediço de suas águas, em sua indolência de princesa das mil e uma noites, por isso dita oriental. É uma cidade que não fala, pois no lugar da boca lhe foi posto um coração. É uma cidade muda, que guarda um segredo, o segredo de um amor que causa sofrimento, daí o coração que sangra. É uma cidade que o próprio sol louva, quando acende lâmpadas de ouro, ou seja, sempre que acontece, em Porto Alegre, o seu famoso pôr do sol. E é uma cidade que esconde, em um de seus palácios encantados, a menina feliz, Maria, que habita uma das casas de Porto Alegre, cidade especular, cidade que, como a Valdrada de Calvino (1985, p.53), nasceu à beira de um lago, formando assim outra cidade, idêntica, que repete coisas e pessoas, pois: “Nada existe e nada acontece na primeira Valdrada sem que se repita na segunda”. Extraída de seu próprio espaço, ela se concretiza na intimidade do leitor.

Francisco faz como Calvino ao apresentar as suas cidades invisíveis, propondo ao leitor que se identifique com múltiplos fragmentos que quase sempre encontra em si, conduzido por alguma memória que lhe ficou de lugares que já percorreu. Ele também fala de cidades que não podem ser localizadas nem no espaço nem no tempo, mas que se concretizam na imaginação, como as que Marco Polo descreveu, ou mesmo criou, com a performance de seu discurso.

Há coisas não sabidas dos homens, e para as quais só os deuses têm respostas. Isso ocorre quando se está diante de um “processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente”, diz Pesavento, ao referir-se à obra de Calvino:

É preciso, diz ele, buscar os elementos comuns que distinguem uma cidade da outra. Tal como os antigos, que buscavam o espírito da cidade invocando os nomes dos deuses que presidiram a sua fundação, os homens modernos precisam exercer uma espécie de despojamento do olhar, identificando, simplificando e reduzindo a multiplicidade de traços que uma cidade oferece para dizer quem é. (PESAVENTO, 2007, 17)

Difícilmente se pode classificar como menos do que evidente esse conteúdo universal que se depreende dos escritos de Francisco, não obstante o caráter tanto particular e privado da correspondência, quanto a subjetividade do escritor. Se compararmos entre si todas essas diferentes propostas do ambiente urbano, encontraremos nelas as mais diversas intensidades da ligação do homem ao meio, ou, ao dizer de Bresciani, diferentes “fragmentos do imaginário social”.

Estes restos arcaicos, traços, resíduos, fragmentos de várias camadas de imagens que ligam o homem-livre à cidade compõe representações globais da sociedade, ideias-imagens por meio das quais as sociedades, vale dizer, nós, os habitantes das cidades e os urbanistas que pensam e projetam as cidades elaboramos uma auto-identidade individual e coletiva. (BRESCIANI, 1997, p. 20)

Ora, quem é Porto Alegre senão que a cidade onde o amor acontece? A cidade onde mora Maria. Esta Porto Alegre é composta de fragmentos da escrita de Francisco, particulares onde se escondem universais, células do sensível — uma carta de amor — que se abrigam no social — o ato de cartear-se, a comunicação que se estabelece entre um eu que fala e outro que escuta. Interceptar essa conversa passadas décadas consistiu nos objetivos propostos, quiçá alcançados, não sem dificuldade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve também a sua história. É, em si mesma, um registro que assinala lembranças, memórias, — por que não? — muito do sensível, e muito do sociável. Quando dos primeiros passos da autora por essa nova senda que o Mestrado em Memória Social e Bens Culturais lhe apresentou, exatamente quando se travavam os primeiros contatos com a metodologia, viu-se que as cartas de Francisco para Maria representavam um objeto, mas que elas eram sem tema, sem referência. Continham respostas, mas não havia perguntas. Eram, pois, respostas a perguntas ainda não formuladas. A posse do objeto, assim, precedeu à escolha do tema; este tema, por sua vez, implicou numa renovação deste objeto, para que ele pudesse produzir a fonte.

Todas essas relações soavam, a princípio, obscuras, herméticas. Elas mais encobriam do que mostravam, fosse o tema, fosse o objeto, fosse a própria fonte que se desmaterializava, e como que se distanciava cada vez mais do que pareciam ser concretamente: cartas de amor. Contudo, após uma revisão completa de posições e opiniões, após uma renovação na ordem dos referenciais teóricos, após a difícil decisão de proceder ao recorte da fonte, isolando-a do todo maior do qual faz parte, após longas discussões a respeito do que era ou não praticável em termos de dissertação, *fiat lux*. Memória Social, Sensibilidades e Sociabilidades. Do tema emergiam os referenciais teóricos. Objeto: ora, cartas de amor. Quais? Algumas dentre todas, as primeiras. Eis a fonte. Como trabalhar, porém, conjuntamente,

memória social, sensibilidades, sociabilidades em sua realidade teórica definida pelos autores escolhidos, aplicando tudo isso ao objeto e depois descendo até a particularidade da fonte? O que apontar e onde nas cartas? As questões não se apresentavam sem complexidade. Todavia, já fora feito. E contava-se com a orientação justamente de quem o fizera: a Prof. Dra. Nádia Maria Weber Santos, que trabalhou cartas também, em nível de doutoramento.

Todavia, mesmo com boa parte do trabalho já definida, as dificuldades foram muitas. O volume de documentos implicava numa considerável quantidade de dados. Era preciso historiar o próprio arquivo, porque esta sua história anterior prestava-se também à solução dos problemas, tanto quanto permitia muito maior segurança no que toca aos dados obtidos como resultado da pesquisa. Não eram apenas cartas de amor, mas cartas de amor conservadas como objetos de coleção, depois descartadas, depois recuperadas finalmente e agora tomadas, em parte, como fonte. Isso, por si só, já constituía um dado precioso, que dizia de perto com a importância de se preservar arquivos privados. Em outras palavras: era preciso determinar a história da fonte, antes de ser fonte, quando sobre ela recaía outra racionalidade. Isso justificava também a própria pesquisa.

Eram cartas, mas não eram *apenas as cartas*, que talvez nem fossem mais cartas, mas apenas vestígios documentais a pedirem uma ordenação arquivística, a desafiarem a criação de um método que permitisse seu ordenamento racional no tempo, no espaço, conforme sua realidade material e conforme ainda sua realidade adjetiva, parodiando a relação entre substantivo e adjetivo. Além desta, outra dificuldade. A história que as cartas contavam era particular ao remetente e à destinatária. Por mais belo que fosse o romance que se via acontecer na escrita, tratava-se de um espaço privado e, mais ainda, de um espaço privado que não poderia sofrer violação, que impunha houvesse preservação da identidade do remetente, bem como da destinatária. Era preciso resolver os problemas, um de cada vez, criando assim estratégias, buscando justificativas, procurando, enfim, outra racionalidade que projetasse uma clareza universal sobre tantos particulares.

Foi a classificação, entretanto, toda ela apresentada no primeiro capítulo, que permitiu fossem trabalhados os 39 conjunto documentais que se conseguiu apurar, exaustivamente, para ordená-los no tempo, circunstanciando-os e dispondo-os

conforme as exigências impostas pela pesquisa. Depois disto, vinha a realização dos objetivos propriamente ditos.

Era preciso identificar o processo de memória social nas cartas, evidenciando sua subjetividade, algo de natureza absolutamente individual, que parecia, todavia, se contrapor ao social, lidando com isso a partir dos referencias eleitos. Era preciso que esse processo de memória social, cercado de sensibilidades e de sociabilidades, fosse devidamente evidenciado também a partir da escrita de Francisco, não em termos particulares, mas à vista, agora, de universais. Era preciso ainda apontar onde estavam as sensibilidades e as sociabilidades, explicando como se podia fazer isso. Tudo implicou em dar um novo significado ao dito, à memória de Francisco, universalizando-a, mostrando como ela não se restringia apenas a um viver singular, mas representava o coletivo, um coletivo que envolvia homem e mulher, relacionamento, hábitos, paixão, conveniências... E tudo estava bem ali, quase que na superfície das cartas, sem fugir, porém, à singularidade de elas representarem escritas de si. Este trabalho foi o que envolveu a confecção do segundo capítulo.

Mas e a cidade? O contexto de Porto Alegre prendia-se às cartas. Era sua geografia, o seu lugar, aspectos que conjugados a outra coordenada — a do tempo — conferiam às cartas a realidade palpável de objeto material definido como acontecido em certo lugar do passado. Mas que cidade? Uma cidade que só existia no coração de um homem apaixonado? Não causava isso uma profunda estranheza ao estar-se em pleno ambiente acadêmico? Era a própria nostalgia que vinha a se estabelecer novamente então, pesando sobre a fonte. A sensação de se estar fora do tempo, trabalhando com dados inexatos que apontavam sempre para dentro, para o interior de Francisco, uma realidade fenomenológica, tanto quanto a de Maria e a da cidade poetizada. No entanto, Porto Alegre, a cidade onde o amor acontece, foi o capítulo cuja confecção, em que pese haver demandado muito esforço, resultou a mais exitosa, na medida em que se obteve, a partir das cartas, maior realce a tudo aquilo que os referencias teóricos apresentavam. Porto Alegre imaginada existe. É permitido imaginar que Calvino, se pudesse, a incluiria dentre as cidades invisíveis que ele apresentou ao mundo na década 1920.

Considerando nosso objetivo específico de construir o processo de memória social a partir das cartas, identificando manifestações de sensibilidades e de sociabilidades típicas da Porto Alegre de então — 1922 a 1926 — com base em elementos de memória indicados na correspondência, tem-se que o resultado obtido foi exitoso. Cartas de amor permitem, sim, que se obtenham registros de memória social, e a fonte mostra isso, exemplificativamente, podendo-se ainda apontar como fazê-lo, do ponto de vista metodológico.

Finalmente, para atender ao requisito fundamental implicado nesse mestrado profissionalizante, o produto final: um conto. Ele responde à questão de saber se arquivos privados podem conter dados que sirvam de referência e inspiração a criações de ordem artística, no caso, literárias. Dessa forma, confeccionado com vistas à sua futura publicação³⁶, o produto final, encerra esta dissertação, ao mesmo tempo em que inaugura sua realidade imaginária, com a descoberta, não das cartas, mas de *O Diário de Francisco*.

³⁶A publicação do conto *O Diário de Francisco* está prevista para uma das próximas edições da REVISTA VIDA BRASIL — <http://www.revistavidabrasil.com.br/> — mídia eletrônica para a qual a autora já colabora, publicando contos e crônicas.

O DIÁRIO DE FRANCISCO

03 de novembro, 1922 — Maria! Hoje é teu aniversário. Esperei ansiosamente pela chegada deste dia, para poder fazer chegar às tuas mãos delicadas e frágeis um pouco de mim.

Serei formal, seguirei as normas, os postulados da etiqueta, a ditadura da elegância. No correio, a letra caprichada do funcionário da repartição desenha minhas carinhosas felicitações. Tudo daria para ver chegar esse telegrama à porta de tua casa na Rua Riachuelo...

Maria... Desde que tua imagem desenhou-se por dentro de mim, vivo à mercê das contingências, sempre a te procurar, ainda que inutilmente...

Aniversário.

Ele se lembrou do aniversário dela. Dia 3 de novembro. Ocorre-me que Maria era de escorpião, mas isso lá é coisa que se pense? De qualquer modo, um homem apaixonado não deve jamais se esquecer do aniversário de sua amada.

Penso que Francisco merece um ponto por isso.

Mas ela?

E Maria?

O diário de Francisco!

Mais um desses descartes que percorrem o mundo com vontade própria. Papeis que coagulam a essência da humanidade, e que, tempos depois, dissolvem-se, num paradigma alquímico. Eles me fascinam, absolutamente. Hoje eu sei que são a cabala das sensibilidades, onde as sociabilidades revelam seus códigos nas maneiras de ser, de viver, de sentir e até de sofrer. Porque não se sofre mais como antigamente, como não se canta nem dança como então. Há mais por descobrir nesses papéis, no entanto. Porque eles falam de nós tanto quanto falam dos outros.

Esses velhos papeis nos refinam.

Permitem que viajemos por lugares inauditos, situados num tempo-espaco que se molda a uma relatividade desconhecida dos einsteins. Eles ora revelam, ora escondem, e pelo que revelam, omitem; tanto quanto pelo que escondem, revelam.

Hoje, tempos em que se aprendeu a viver num agora que é para sempre, não temos mais a memória do tempo em que se dizia *não* quando se queria dizer *sim*, e vice-versa. Nada mais sabemos dos desejos velados, nem dos amores contrariados, obrigados a viver numa espécie de masmorra cordial. Somos, no presente, muito ricos dessas máquinas que semeiam letras perfeitas numa folha de papel eletrônica, à qual falta, no entanto, a aspereza do atrito, o cheiro da tinta, a marca da hesitação assinalada no tremor da escrita.

- 0 - 0 - 0 - 0 - 0 -

Pequeno, mofado, manchado.

A tinta, em parte, aparece borrada. Foi dolorido constatar que havia páginas arrancadas à caderneta que serviu de diário para um rapaz que aí confessava sua paixão. Há páginas escritas e páginas em branco. Muitas. De um branco amarelado pelo tempo.

Chamava-se Francisco. Sua amada, Maria. Escrito com uma letra bonita, desenhada a caneta tinteiro, o pequeno diário dá contas de um romance.

Tão logo percebi do que se tratava, senti uma espécie de impacto que, aos poucos, tornou-se um dilema. Ora me sentia apenas curiosa, ora me flagrava emocionada, ora me encontrava angustiada, como quem se esconde num

confessionário. Eu segurava o diário, acariciava-lhe as páginas ressecadas. Passava os olhos pelas palavras, seguia as guirlandas da letra inclinada.

Li tantas vezes Maria, tantas vezes amor, tantas vezes saudade, tantas vezes...

Fui aos poucos me dando conta do significado de tudo aquilo. Meras conjecturas. Quem fora Maria? Pensei comigo que aquilo era real. E a palavra teve em mim o efeito de uma sombra sobre o sol de meu entusiasmo.

Como se eu fora uma intrusa.

É fascinante como esses velhos e insalubres papéis podem conter uma vida, podem nos tocar desde há décadas as cordas da emoção. Por mais que se procure o distanciamento refinado e a racionalidade limitadora, é impossível não se deixar, às vezes — só às vezes — invadir por essa alegria inocente de quem descobre um tesouro, a chave secreta que abre um coração. E mesmo que o tempo, inexorável, nos dê testemunho incontestado de que a morte já arrebatou esses amantes, eis que os despojos desse amor venceram-no e impuseram-se à minha, à sua, à nossa sensibilidade.

Mas como saber?

Como penetrar no não-eu que vive no não-tempo além do lugar?

O diário nada revela do que não nos é dado conhecer em nós.

Sou digna de ler esse diário?

E você?

Há perguntas que fazemos às coisas, mas que devemos nos responder antes disso. É preciso qualificar-se para saber, mas, sobretudo, para sentir. Ou os velhos papéis continuarão a ser apenas papéis velhos e, finalmente, lixo. Rebarbas de uma humanidade que aprendeu a se mecanizar, metodologicamente, aliás. Porque se teme o caos, a desordem e o imponderável que isso traz. Então, melhor raciocinar. Duvidar. E fugir dos diários amorosos.

Para começar, se você é destes que nunca amou, se você não tem com esse sentimento nenhuma intimidade, não tem por que ler o diário de Francisco. Tem? Essas palavras vão apenas entediá-lo, ora! Ou, talvez, diverti-lo. Vão despertar-lhe a ironia, essa superioridade que nos coloca sempre tão acima de todos os narizes. Bem, é uma escolha. Se você nunca amou, temo que desperdice seu tempo aqui,

seus olhos, seus nervos, com todo esse pedantismo que o dia-a-dia da paixão escreve em seu eterno presente.

É que o amor torna os homens humildes.

Confere-lhes uma humanidade meio sagrada, meio sacrílega, mas ainda assim uma humanidade que lhes retira os rompantes do orgulho ou a ferocidade do eu.

Amar é estar com o outro presentificado em nós o tempo todo.

Não importa a distância. Não importam os obstáculos. Não se ama alguém porque é bonito, bem sucedido, charmoso, inteligente, elegante, genial, criativo, acinzentado pelos anos, nem mesmo quando tudo isso merece o acabamento que consiste em dois olhos profundamente azuis e, naturalmente, uma barba tão áspera quanto macia.

Não se ama alguém por nenhuma dessas qualidades que estão à venda ou que se pode conquistar pelo esforço. O que se ama no amado é um timbre intraduzível na voz, um brilho que escapa do olhar, uma presença silenciosa que, mesmo no escuro, nos pacifica o íntimo.

Ama-se o desconhecido, com tudo o ele tem de ameaçador.

Ama-se o que não se vê. O amor não é cego, criança e irresponsável? Anda armado por aí acertando flechas como balas perdidas.

O amor cria seu próprio objeto e abre seu próprio caminho. É maior do que nós e, ainda assim, nos engrandece.

Quando dá certo, é claro. Daí o amor é tudo isso, bem assim.

Quando não dá, a gente diz que não era amor de verdade. Que foi um equívoco. E isso, é claro, discretamente.

Não sei se o amor de Francisco por Maria foi um amor verdadeiro. Nem sei se existem mesmo amores verdadeiros. Acredito piamente, porém, em tudo aquilo que invento, em tudo aquilo que sinto, e isso, com uma convicção tão inabalável quanto o ceticismo com que acolho o produto de minha precária racionalidade.

Se o amor é uma crença, uma convicção, uma criação da alma, Francisco foi um grande artista.

Agora tenho seu diário em minhas mãos, mas não quero cometer sozinha o sacrilégio de profaná-lo. Quero descobrir os sentimentos de Francisco, mas sei que

não desvenda segredos quem desconhece os próprios. De algum modo, admito certa culpa por invadir assim a intimidade de alguém. Algumas passagens estão ilegíveis, outras se perderam com páginas arrancadas, algumas palavras estão escritas de forma rápida, mas clara. Há poucas coisas nele, mas, ainda assim, é um diário. E é de verdade. O amor que ele noticia, eu não sei.

E tampouco sei se a simples transcrição desse diário poderá dar fé desse amor. Não sei, se nesse hoje de agoras, todo feito de um presente contínuo, existe em nós alteridade bastante para tomar o lugar do outro nesse passado cada vez mais distante.

Haverá lá alguma coisa que toque nossa sensibilidade presente?

Não sei.

Somos pessoas concentradas em momentos, recordes, performances. Gostamos de coisas tanto mais espetaculares quanto passageiras. O diário, contudo, se repete, porque é de outro tempo. Um tempo de sutilezas, de suavidades.

Sigo apenas meus impulsos nessa hora. E tento encontrar em mim alguma coisa que reflita a emoção que Francisco diz ter sentido. É um tanto quanto empobrecedor não ter amado dessa forma.

- 0 - 0 - 0 - 0 - 0 -

Chega de falar.

Você deve ver por si próprio o que ele escreveu.

25 de maio, 1923 — Maria! Descobri hoje que só se deve amar pela alegria de amar. Se me amares, querida, que não seja por meu sorriso, nem por meu olhar, nem por meu falar. Tampouco me ames pela piedade que seca as lágrimas. Ama-me, enfim, pela alegria de me amar. Espero que meus versos tenham chegado seguros para junto de ti. Usei para escrevê-los uma máquina e papel da repartição. Uma versão foi escrita a lápis, mas decidi remeter-te ambas.

Tanto tempo sem mensagens... De 3 de novembro até 25 de maio! Nada no diário. Sequer há páginas arrancadas. E, no entanto, ele anota que mandou para ela uma poesia, aliás, em duas versões.

Não sei.

Não sei avaliar se ele de fato crê no que escreve. Francisco parece mais querer convencer a si próprio que à amada de que se ama pelo amor. Então, apenas quem amasse por amar poderia realmente desfrutar da profunda alegria que esse sentimento desperta. Será?

25 de julho, 1923 — Hoje estou amargurado. Escrevi versos onde transparecem minhas dúvidas. Tu dizes ser minha. Entretanto, quando ensaio aquele olhar profundo, agudo e longo, percebo-te no fundo da alma e... Sim, a dúvida. É preciso saber ser filósofo no amor.

Francisco! Francisco me parece tão cético. Ele trabalha um sentimento profundo com a razão. Não se entrega. Duvida. Como Orfeu, Francisco não consegue manter-se firme interiormente. Fala de olhares profundos e agudos que pretendem devassar a intimidade de Maria. Mal sabe ele que mulheres se guardam, se resguardam, quase que por uma espécie de instinto.

Mulher, teu nome é perfídia.

Pressinto em Maria um feminino que se diverte um pouco à custa da dúvida que provoca em Francisco. Ou ele não se proporia a tecer uma filosofia do amor.

Se eu fosse Maria...

E se você fosse Maria?

Entrevejo nessa página um feminino que primeiro provoca, mas que depois se recolhe. Que não dá a mão, mas que permite um leve roçar de pele que era tudo... Maria me sai bem uma sonsa. E isso a torna sedutora e irresistível.

Parece que os gêneros competiam. Disputavam uma batalha arbitrada pelo amor. Maria, quanto mais se recusava, mais provocava Francisco a lançar-lhe os tais olhares profundos. E por dentro... Ah! Lá por dentro, Maria bem que percebia e festejava, por certo, a conquista. O tal sexo frágil que submetia a masculinidade. Francisco desespera-se para entender, mas o amor não tem cognição, porque a

douta razão só se estabelece a partir da dúvida, enquanto o pobre amor só tem certezas. Depois, desenganos. Mas a gente ainda não chegou lá.

27 de julho, 1923 — Chove. Penso em ti. Uma sintonia fria e aguda fragiliza meus sentidos e me coloca em alerta. Penso em ti, em tua presença na sala, dourada pela luz que realça as sedas que cobrem teu corpo frágil.

Tua voz, teu sorriso me embalam.

Hoje compus para ti o Minueto de uma Noite de Chuva. Porque a chuva me faz lembrar das lágrimas, me fazem lembrar de nosso triste amor.

Fico imaginando quão delicada era Maria. Ela provocava em Francisco uma espécie de fascínio arrebatador, a ponto de continuar nele e com ele mesmo depois de encerrado o encontro.

Lembro-me então das velhas paixões. Quando era preciso isolar-se para melhor pensar no outro, um pensamento que, não raro, era assim orgânico, tenso, mas que não perdia sublimidade.

Fazer poesia.

Poemas para a mulher amada.

Extrair dos sentimentos uma arte moldada em palavras.

Estranho... Algo me diz que mulheres me lerão com mais agudez que homens. Tanto melhor, porque, de certo modo, os gêneros ainda conspiram uns contra os outros.

Acho que escrevo sempre sob a determinação do meu gênero, nem que seja para reconhecer-lhe o império.

Ser mulher é uma fatalidade.

É perceptível que, ao lidar com esse diário, tanto eu quanto você somos tentados a nos identificar, ora com Francisco, ora com Maria... Ela me parece poderosa. Impera sobre ele.

Definitivamente, essa sonsa me faz experimentar um pouco de despeito. E você? Já pensou nisso? Maria é sedutora. Opaca para Francisco, mas transparente diante de outro feminino: o da bruxa, que desvenda o oculto, tornando-o manifesto, rastreando-a na fonte, resgatando-a de papéis velhos junto aos quais recitamos esses encantamentos...

?? de agosto, 1923 — As praças, Maria, as praças... Gostaria que tu te detivesses algum dia a observar as praças que o tempo tornou velhas. São melancólicas, tristes, vazias.

Quando nelas, a sensação é de agonia, porque se sabe que, nos bons tempos em que eram novidade, elas viram a agitação dos passos, a alegria dos folguedos, conheceram as festas. No entanto, as velhas praças envelhecem.

Hoje te escrevi poemas que falam das praças e da monotonia dos arrabaldes, e de toda nostalgia que se pressente em seus muros quebrados, na penumbra que os encobre, em suas ruas cheias de pó. Maria, sou tristemente silencioso nessa dor aguda que sinto quando não te vejo. Maria...

As praças velhas sofrem pela falta de pessoas que as animem.

A velhice esvazia-as de pessoas e de sentidos.

Esta mesma falta de sentido acontece com quem é abandonado por seu amor.

Os lugares também ficam repletos de nostalgia. Lugares nos refletem.

É preciso um olhar de construtor que penetre as coisas e que as recubra com as cores da imaginação.

Penso em Francisco, na sua luta pelo soneto, na construção do verso. Vejo sua letra agora, num instante, ainda viva, porque é como se sua mão mal se afastasse do papel. É uma realidade percebida de um golpe, sintética.

Eu sinto, eu sei.

03 de novembro, 1923 — Flores para minha Maria... do teu Francisquinho.

Claro! É o aniversário dela! Anotação do dia 03 de novembro.

Um ano, um ano do primeiro registro.

O aniversário dela, sim! De Maria.

Eu me lembro, eu mesma, do dia em que fiquei sozinha porque era o aniversário dela. Daquela uma. Imperdoável. Agora, folheando esse diário, me vejo

presa de minhas próprias lembranças, reproduzindo uma tristeza que tem tantos anos.

O esquecimento do meu aniversário seria perdoável.

Mas a lembrança, por parte *dele*, do aniversário *dela*, não é.

A propósito, não pedirei perdão por ter escrito isso.

Foi imperdoável.

E continua sendo.

06 de junho, 1924 — Apenas um poema, Maria.

Comparo-te à rosa, majestosa, indiferente, fria, que percorre a alameda dolorida, alameda que te vê passar, como eu te vejo te passar. Tua indiferença me afeta de um modo avassalador. Se soubesses o quanto minha felicidade depende de um sorriso teu... De um olhar... De um gesto... Maria...

Maria... Maria é malvada. Não há outra palavra.

Francisco faz dela uma rosa que recobre de majestade e de frieza. Sente-se ele próprio a alameda que ela, indiferente, percorre.

Homens gostam de mulheres malvadas.

Um quê de crueldade ao menos, uma pontinha de escárnio.

A literatura é incansável na produção desses exemplos. Um pouco de frieza, de simulada indiferença, um ar de sonsa e... Pronto! Eis o feminino provocante que deixa os Franciscos nocauteados, a caírem pelas alamedas.

Até mesmo para tornar crível um personagem feminino, creio que é mesmo indispensável dotá-lo de uma branda maldade. No mínimo.

Eu nunca derrubei nenhum homem pelas alamedas.

E você?

Repare bem! Repare bem agora no eu acabo de escrever.

Será este o lado avesso do sensível?

Algo que nos faz perceber, repentinamente, um rei nu ou um careca na plateia?

Um traço mal esboçado, e a arte se torna caricata.

Para escrever não se pode pertencer ao tempo, é preciso andar por ele, percorrê-lo distraidamente. Os apaixonados, contudo, só tem o presente do amor que acontece neles e com eles, e, assim, escrevem apenas para descrever o seu agora, que é eterno.

A não ser que, de tanto se espinharem nas rosas e levarem tombos pelas alamedas, o amor se canse, e voe, para nunca mais voltar.

Aliás, depois que passa, nunca volta.

Dois raios até caem no mesmo lugar, mas duas balas perdidas acertarem o mesmo alvo?

1º de agosto, 1924 — Maria... A velha casa da Rua Riachuelo. Estive lá hoje, percorrendo aquele lugar onde teus passos ressoam ainda na calçada, a casa onde pensavas em mim, a casa que guarda o tempo que passou. A casa onde rezavas em frente à imagem de Santa Teresa... A casa onde uma vez choramos abraçados. Hoje te escrevi uma carta, uma longa carta, toda ela feita para recordar de tua velha casa.

Ah! Os lugares onde o amor acontece são solo sagrado para os apaixonados. Francisco volta à velha casa. Lembra-se de coisas...

E você?

Lembra daquela rua, daquele sofá, daquela casa?

Quantos de nós podemos nos orgulhar de ter construído no passado uma casa na Rua Riachuelo?

Amor é memória.

Daí, quando passa, a gente dizer que esqueceu.

17 de agosto, 1924 — Maria, Maria... Acabo de deixar-te, mas tua presença permanece em meu corpo e afeta meus sentidos. Ouço tua voz, sinto tua presença, teu perfume! Contudo, a felicidade é fugidia. Ela consiste talvez em acreditar que se é feliz.

Não sei quanto a Francisco, o que ele entende por felicidade.

Talvez uma plenitude fugidia, enganosa.

Como ele ama, não pode amar sozinho.

Amar sozinho é a solidão pior. O grande mal do amor é ele não terminar sempre, para os dois, ao mesmo tempo.

Feliz no amor é quem se acredita amado.

A dúvida traz o ceticismo, a insegurança, a amargura.

Exagero?

Pode ser, mas quem ama sempre acredita, no fundo, que é correspondido. Nosso narcisismo recupera-se a custo de certos ferimentos. Nosso ego é sustentado pela vaidade, vaidade... A bíblica vaidade do Eclesiastes.

Amar sozinho.

Amar sozinho é experimentar o terror, porque é como ser privado de si mesmo. O único remédio para isso é amar com cálculo, reservar-se alguns mistérios, não fazer o tal *mergulho de cabeça* do qual tanto se ouve falar. Só que amar assim não tem a menor graça. Bom mesmo é correr o risco. A gente se machuca, mas descobre depois que a vida assopra. Que passa...

Acho que chega um dia que ninguém se atreveria a anotar num diário. Mas ele chega, sim. É o dia em que a gente descobre que o olhar de compreensão que se lê nos olhos do outro é muito superior àquele, agudo e penetrante, que os Franciscos lançam às Marias.

Eu não queria contar isso assim, estragar tudo. Mas é.

As feridas do amor saram.

Talvez você me fale de Orfeu. Mas transcendeu o amor. Foi além da morte. Era um deus. Adoeceu e permaneceu doente para poder melhor compreender a dor do outro.

Não se compreende a dor do outro, a não ser quando ela dói em nós. Orfeu fez de seu amor uma eternidade.

Todos os Franciscos têm um pouco de Orfeu.

Nós também. Só um pouco, felizmente.

Francisco está sempre com Maria, mesmo longe dela.

Penso nestes amores que aconteciam em outro tempo.

E penso em nosso tempo.

Tudo é tão diferente. Compreensível, mas diferente. Nosso sentir não é espiritual, mas glandular.

Há três verbos que nossa vida amorosa da pós-modernidade conjuga: *pegar*, *ficar* e ainda o antigo *namorar*, este último, uma sensibilidade que sobreviveu, parece, ao século XX.

Você pode optar por *pegar*. É uma atitude que presume que você *solta* rapidamente. No entanto, se você *pegar* e não *solta* rapidamente é sinal de que está *ficando*. *Ficar* é sempre gerúndio. Você vai ficando até que fica assim... *ficado*. Sobrevindo o particípio, você descobre, enfim, a diferença dessas suas sociabilidades pós-modernas: *pegar* e *ficar*.

Quanto a *namorar*, obviamente, se você está lendo este meu texto até aqui, é sinal de que, como eu, é egressa do século XX e, certamente, já namorou algum dia.

Nem me passa pela cabeça que você já tenha *pegado*.

Mas, quem sabe, já *ficou*...

Certo.

Não é mesmo da minha conta.

Para ler o passado, é preciso ter o coração no passado. Quando olhamos o passado misturado ao nosso presente desafinamos, criamos artificialismos e distorções. Interpretamos as coisas *para nós*, e não por elas.

No entanto, este é o risco dessas jornadas.

Os diários antigos nem sempre se abrem.

Não serão os *dados históricos* literalmente o que o nome sugere?

Sólidos de seis faces numeradas que se lançam diante de nós num jogo de esfinge?

Francisco é do passado. Nós, do presente.

Aonde essas coordenadas se encontram?

?? de setembro de 1924 — Maria, Maria... Que saudade! Percorro a cidade e desanimo de não te encontrar. Pressinto teu vulto, mas ele se esvai tão logo me aproximo. Percebo sombras indistintas, enganosas, que me iludem. Sinto apenas saudade e a chuva que se mistura às minhas lágrimas.

Francisco aposta tudo num segundo.

De algum modo, me vêm à mente lembranças de um encontro frustrado, de uma decepção, de um adeus.

Corações apaixonados temem desencontros, frustram-se com excessiva facilidade, desapontam-se como crianças..

Sabem de uma coisa?

Isso me faz lembrar daqueles amores dramáticos. Encontros marcados. O olhar de quem espera, de quem espreita, o *guetter à la Beaudelaire*. Olhos vigilantes que procuram localizar no espaço físico a presença sensível do amado, materializando um desejo.

O esperar é repleto de segundos intermináveis.

31 de agosto, 1924 — Maria, Maria... Como sofri naquele carnaval. Não foi tanto por estar longe de ti, mas foi o sofrimento imposto por minha imaginação. Você toda para os outros, tão bela...

Mas não para mim, para os outros. Maria...

Eu quase já me esquecia dessa dor, mas me mandaste agora esta foto.

Por que, Maria? Foste perversa, mas talvez sem o querer.

O ciúme.

Maria mandou uma foto...

E quem disse que ciúme é racional?

Pode-se exigir de Francisco que ele não imaginasse Maria sendo toda olhares para os outros, toda beleza para os outros, toda ela mesma, dele, para os outros?

Complicado.

Olhando o diário de ontem com esses meus nossos olhos de hoje, percebo também a palavra perversa aplicada à Maria.

Eis um *ainda*.

Nem todo passado fica por lá. Uma maldade que o próprio Francisco vai qualificar de inocente, de não intencional. Um maldade que persiste por aí, impregnando os femininos.

É preciso desprender-se da lógica externa da escrita, porque ela se deixa acontecer praticamente sozinha. A minha, a de Francisco. Confundem-se.

Como se confundem os sentires e as palavras. Espero que algum dia alguém se aproprie delas, como me aproprie das de Francisco, presentindo essa cadeia de *aindas* que atravessa o tempo, e que se faz de acasos, que é repleta de imponderáveis.

25 de setembro, 1925 — Não estou bem. Penso no tempo, que tudo faz passar. O tempo que sepulta nossas emoções. Estou doente, de cama. Maria me escreveu dizendo que “a saúde é nossa maior riqueza”. A saúde é nossa maior riqueza... Talvez justamente por isso eu a desperdice, malbaratando-a...

Eu não deveria ter escrito tal coisa na carta que mandei hoje para Maria, mas foi tentador...

Ela foi banal.

Ah! Se eu pudesse falar com Francisco!

Se eu pudesse contar para ele o que fiz de suas palavras...

Ele venceu o tempo...

Mesmo quem não teve nem nunca terá um amor como o dele, para Marias que nunca terão Franciscos, e para Franciscos que nunca terão Marias, não importa! Francisco atravessou o tempo. Chegou aqui.

Maria tem seus momentos de futilidade. A vida é assim. Saúde não tem preço. Amar é sofrer. A vida é bela...

Mulheres são profundamente superficiais.

- 0 - 0 - 0 - 0 - 0 -

Tantas coisas se misturam.

Faltam só mais dois registros na pequena caderneta. Alguma coisa em tudo isso me incomoda, me constrange. Uma impossibilidade. Não podendo conhecer

nem o inferno nem o céu que Francisco me descortina, eu o atiro para dentro desse limbo de tempo fracionado.

Com que direito faço tudo isso?

30 de setembro, 1924 — Maria... Que saudade! Doente, vejo-me forçado a criar um universo próprio. Os homens, os homens nascem e vivem pelo amor.

Maria, terá ela recebido as minhas cartas dos dias 24, 25 ou 26?

Saudade. Amor também vive de saudade. Talvez viva melhor de saudade que de presença, pois saudade só aumenta e não desgasta. E depois, mesmo que passe, a saudade como que congela o saudoso. Basta rever a pessoa amada, para a coisa recomeçar. Pelo menos este é um argumento infalível quando se tratam de romances, ou de amores mal resolvidos.

E as cartas? Terão chegado? E essa história de universo próprio?

Não creio que isso tenha mudado. Quando se é presa de um sentimento muito forte, a tendência é que se procure mantê-lo constante. Isso explica o universo próprio, o isolamento, o mundo interior para o qual se volta Francisco. Ele se entrega ao culto Maria. Festeja o amor, vive do próprio sentimento e da esperança de ser correspondido.

E se não for?

E se Maria não passasse de uma dissimulada?

Pior: se Maria se visse forçada a ser essa mulher sublimada pelo amor de Francisco?

Não sei.

Ocorre-me que ser amada dessa forma deve pesar em Maria. Porque ela precisa ser perfeita, precisa corresponder a uma idealidade, comportar-se de maneira a não decepcionar Francisco.

Para falar bem em linguagem de tempos presentes, a manutenção de um eterno apaixonado implica num certo capital de sedução, porque, afinal de contas, todo mundo sabe que nem mesmo naquela época os homens ficavam assim tanto tempo esperando... Na fila?

Pobres homens.

Tinham de ser assim, um bom partido, bem ao gosto da pequena burguesia que procurava aristocratizar-se, sem perder, contudo, esse terrível sentido prático da vida, que coloca preço em tudo: pessoas e coisas.

Aliás, até hoje. *Ainda.*

03 de outubro, 1924 — Maria, vivo meus dias a pensar em ti. Mande-te hoje uma carta apaixonada, onde te recordo de nosso pequeno passado, que se desenrola diante de meus olhos. Nossa história romântica, que se resume a um olhar, a um passeio. Tudo no amor é promessa.

Esse lembrar...

Esse lembrar é tudo.

É disso que o amor é feito. De lembranças repetidas como jaculatórias, reiteradas a toda hora, tornadas obsessão.

O pequeno passado.

Quem não teve um pequeno passado para recordar?

É preciso guardá-lo, mesmo que tenha muito de insólito ou de insípido, ele é todo seu.

E mesmo que lhe faça mal, que lhe doa, que lhe envergonhe, ele é seu.

Ele é um pouco você.

Guarde-o. É sua herança.

Com sorte, depois que você passar, seu passado ficará.

Alguém vai herdá-lo, apropriar-se dele, e suceder você nas próprias emoções.

- 0 - 0 - 0 - 0 - 0 -

Este foi o último registro.

Há uma parte rasgada, algumas páginas ilegíveis e depois uma sucessão de páginas em branco.

- 0 - 0 - 0 - 0 - 0 -

Preciso lhe dizer uma coisa.

Estas são as páginas em branco do diário de Francisco.

Acredite. Elas estão em branco. Porque toda esta escrita que aparece *aqui* acontece agora bem *aí*, dentro de você.

Não existe passado.

Nunca existiu.

Nem o diário.

Eu inventei.

Perdemo-nos do passado no instante em que criamos o tempo.

Não há remédio para essa perda. Por isso, assim como os apaixonados, precisamos de um passado, dependemos dele para nos dar sentido.

Nem que seja um passado como este. Inventado letra por letra.

Para inventá-lo, contudo, é preciso fazer assim.

É preciso saber mentir de verdade.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré. A Pele de Onagro. In: _____. **A Comédia Humana de Honoré de Balzac**. Porto Alegre: Editora Globo, 1954. v.15.

BENEDUZI, Luis Fernando. Nostalgia do Tempo em um Tempo de Nostalgia. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais**; percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008a.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, Cidadania e Imaginário. IN: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 1997.

CALVINO, 1985. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASIN-PELLEGRINI, Catherine. Chaves para o romantismo. In: FLAUBERT, Gustave. **Lettres à Louise Colet**. Paris: Magnard, 2003.

ECO, Umberto. **O Cemitério de Praga**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FEBVRE, Loucien. Comment reconstituer l'avie affective d'autrefois? La sensibilité et l'histoire. In: LOTTERIE, Florence. **Littérature et sensibilité**. Paris: Ed. Marketing, 1998.

GAUTIER, Théophile. O Pé da Múmia. In: _____. **Avatar**. São Paulo, Saraiva, 1957. Trad. Nair Lacerda

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

GONDAR, Jô. Quatro posições sobre memória social. In: GONDAR, J; DODEBEI, V. (Org). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

LEENHARDT, Jacques. Sensibilidade e Sociabilidade. In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Org). **Olhares sobre a história**. Goiás: Editora Ucitec, 2010.

LOTTERIE, Florence. **Littérature et sensibilité**. Paris: Ellipses, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p. 11-23, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>>. Acesso em: 11 de set. de 2012.

_____. História Cultural: Caminhos de um Desafio Contemporâneo. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Sensibilidades no Tempo, Tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. **Coloquios**, Puesto en línea el 4 febrero 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 7 de nov. de 2012.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Manias, Trecos, Objetos e Coleção – Memória, descarte e velhice nas narrativas quadrinísticas de Urbano, o Aposentando. In: **XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO, Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276700719_ARQUIVO_a_npuh2010textocompleto.pdf>. Acesso em: 7 maio de 2012.

SANTOS, Nádia Maria Weber. “Cartear-se, mas com quem?” — Memória e Sensibilidades: um estudo sobre fontes epistolares na correspondência de Lima Barreto. IN: BERND, Zilá; SANTOS, Nádia Maria Weber, (Org.). **Bens Culturais, temas contemporâneos**. Porto Alegre: Movimento, 2011.

_____. História, subjetividade e cultura em leituras sensíveis do EU: um exemplo nas escritas ordinárias de hospício. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008a.

_____. **Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008b.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

ANEXO – Cartas Transcritas do Original

CONJUNTO 03

Filosofia Sentimental

E insistes em querer dizer que és minha! E me olhas fixamente, de um modo assim de quem espera um gesto, um olhar... Mas eu não sei se és sincera, se não são falsas as palavras que desfolhas...

E te moves num gesto, e neste gesto eu sinto todo o mal e a dôr que me faz essa incerteza.

— Sim, porque, às vezes, isso é simples gentileza que toda mulher tem somente por instinto....

E eu soffro tanto com essa duvida, tanto!

Certas vezes, ensaio um olhar bem profundo, agudo e longo, que te devassa a alma fundo, e, ingenuamente, recuo, louco de espanto.

E isso, querida, só porque tenho receio das profundezas que guardam certas verdades.

Muitas vezes, a flor das infelicidades,
perversamente, tem a verdade do seio!...

25 de julho de 1923

Minueto de uma Noite de Chuva

Chove prata. Na sala, onde escrevo à luz de ouro
do store, há pelo ambiente um esgarçar de sedas...

e, no ar, cuido sentir, esvoaçando, ledas,
as asas de setim de encantado besouro:

São versos que componho ao céu do teu olhar,
à sombra de teu vulto indolente, de pluma,
à luz de teu sorrir, feito todo de espuma,
ao som de tua voz crystallina, de luar.

São versos em que falo em minha dôr fremente,
em tudo o que vivi, e que amei e perdi,
em tudo o que passou, em tudo o que soffri,
numa ronda sem fim, longa e perdidamente...

.....

Enquanto as horas vão caindo, silenciosas...
e eu penso em ti, em minha pobre alma dorida,
em nosso triste amôr, em minha infeliz vida...
E as finas gottas de chuva rolam, chorasas...
27 de julho de 23.

CONJUNTO 08

Maria,

Vim de ti há pouco... E trouxe commigo a tua voz, unica em harmonia, a ecoar,
em ondas de doçura, aos meus ouvidos. Ella será a musica das minhas ultimas
horas deste dia, até o sonno, que me será divino, cahindo, como me cahirá, do céu
da tua voz.

E veio o teu perfume, também. Como um longo véo, envolveu-me o corpo todo. Encerrei-me, com langor, dentro delle. Será o meu cofre imaterial, onde o meu corpo repousará esta noite, desmaiado à embriaguez do seu seio.

De vez em vez, corre-me pela superfície da epiderme arrepios de voluptia, ao ferir de toques invisíveis. São reflexos de teu contacto. Elle desperta a minha sensibilidade pela amorosa pressão que foi, que já não é, e que acorda, momento que outro, ao reviver do meu insopitavel desejo.

Som, perfume, contacto... Na conjuncção destes tres termos, trouxe-te inteira, toda carícias, de forma espiritual.

E trouxe um mundo tambem, porque te trouxe. E trouxe tudo o que é meu, tudo o que faz a minha vida, dizendo-te, a ti, que és a minha vida, o meu único bem, que me dá tanto mal, às vezes... mas, na vida, tudo é assim... Ao lado da melhor felicidade caminha, sempre, a amargura... Esta é o seu preço. Não se pode gozar de um bem, sem punição.

Nem aquelle teria valor como tal, sem a existencia desta. É lei da vida. E a melhor felicidade consiste, sem duvida, em se pensar que se é feliz. Ou, com mais sabedoria, em não se pensar nella, nem desejal-á. Ella foge, sorrindo, com piedosa ironia, da mão que a quer apanhar...

Mas, eu te amo. E não sei donde nasceu este amor, não sei donde elle veio... Sei apenas que te amo, e muito. Será por seres mulher, e por ser eu homem? Mas, se fosses homem, não serias meu amigo? Eu, por certo, se fosse mulher, seria tua amiga, tua amiga exclusivista, que te não permittiria a graça de um namorado... Viveria contigo e contigo morreria... Que loucura, Santo Deus! Que ninguem saiba dessas coisas! Apaga, por favor, os ultimos periodos. Mulher, eu? Que blasphemia! Perdoa-me, meu amor!

Perdoa
ao teu
Francisco

CONJUNTO 09.b)

Maria,

Longos dias a te procurar em vão, andei pelas ruas da cidade. Meu vulto doloroso, meio esbatido entre a nevoa destes ultimos dias, era todo o anseio de uma busca e o desanimo de uma desillusão. Tu não me apparecias...

Da primeira claridade do dia, no meio do bulicio, entre o torvelinho humano, à meia-tinta do crepusculo, sempre em vão, rodei pelos caminhos, em procura da minha vida, em procura de mim mesmo...

E a tua figura, vezes e vezes, vivia, ephemeramente, aos olhos da minha illusão, na figura das outras mulheres que passavam, vagas, indistintas, tecendo o meu engano.

Rodavam comigo a Saudade, a soluçar a canção das lagrimas, e o meu cigarro.

E depois, na solidão da noite, todo o impossivel de te ver doia-me nalma... Era uma dor absconsa, enorme, a apertar-me o coração e a humedecer-me os olhos... E eu desesperava...

De repente ela veio... Veio vindo, vagarosa, timida... Começou tomando-me as mãos entre as suas mãos longas e frias... Depois enlaçou-me o busto, recolheu-me as lagrimas dos olhos com os seus labios de morta, e pôz-se a murmurar, num sopro, ao meu ouvido, palavras de conforto.

Um pouco anesthesiado da grande dor, olhei-a com sympathia de infeliz... Era a chuva, a minha irmã... A minha doce e melancholica irmã... Trazia nos olhos de violeta toda a doçura e nos gestos de sombra toda a ternura do amor.

Cessaram as minhas lágrimas. Já não era tão só. Envolvi-me, então, longamente, tristemente, nas suas carícias frias, a sonhar, de palpebras cahidas, com as carícias mornas do teu corpo de pássaro...

E quando a Chuva se foi, tu vieste
para o teu
Francisco

CONJUNTO 09.a)

Maria,

Hontem, fui até a casa que abandonaste. Fui em visita de recordação, soffrer a

volupia do abandono.

Pobre casa que te guardou!... Quando cheguei, à procura de qualquer coisa que lá houvesse deixado: um perfume, uma expressão... ella me sorriu um sorriso de tristeza, em que vislumbrei uma queixa, um desconsolo doloroso de velhice abandonada.

Estive, horas e horas, a conversar com ella, a exhumar, a reviver... Falou-me, em seguida, de uns olhos, de uma bocca, de uns cabellos... Recordou-me um gesto que me enternecera, um dia... Um pedido que me cobrira de emoção... uma promessa que enchêra de esperança a minha vida... Contou-me a historia de uma separação, que o amor desfizera, para tornar mais nova, mais cheia de encantos, a união... Lembrou-me certas perversidades, certas contrariedades propositas, certos gestos dubios, que são a tortura e a delicia do amor...

Avivou-me nalma trechos de dor, trechos de alegria, e tanta cousa, tanta cousa mais... Confidências, frangalhos de alma, pedaços de vida, cousas passadas, cousas vividas que já estão na memoria, mas que ainda alegram ou doem...

Disse-me então, que é viva de segredos, de mysterios, de palavras que nunca tocaram ouvido algum, de confissões que morreram no silencio...

Pôs-se a recordar, depois, a vida que vivêra antes. Os dias de festa, os dias de esplendor, quando o seu interior era sacudido pela sonoridade das rizadas felizes. A graça feminina que lhe povoara de leve o ambiente... Toda a sua vida anterior, luminosa, e, agora, aquele vasio, aquelle silencio...

— É o fim de todas as cousas, minha pobre amiga.

A casa sorriu tristemente e acabou:

— Vivo, agora, da saudade do que fui antes, da lembrança do que, talvez, não serei mais...

E desandou a chorar. Chorei com ella. Nesse momento, amei-a mais que nunca. Éramos irmãos na mesma dor...

Deixei-a chorando ainda. E quando me separava, os meus passos acordaram os teus passos adormecidos na calçada.

E eu senti, então, a illusão da tua chegada.

Mas, não chegaste. Chegou a Tristeza, que me levou, carinhosa e bôa, abraçada comigo, até ao meu quarto. Foi a minha companheira de vigilia nessa

noite. Depois ficou morando comigo. Santa Tristeza!

Santa Tristeza!

Meu amor!

Do teu

Francisco

CONJUNTO 09. c)

Maria,

Penso que foi para a sensação de receber flores que eu adoeci, tanto ellas me satisfizem. E nem tenho já quasi vontade de restabelecer-me!... As primeiras violetas, as outras... Ellas tomam sempre a forma das tuas caricias, quando as tóco e quando as olho, e sinto-as com pura voluptia... Mas é um gozo triste, um gozo com sabor amargo de lagrimas, porque as violetas são tristes, e são tristes os seus longos olhos de melancholicas pupilas. São tristes como a morte...

Talvez, infelizmente, ellas me offereçam um symbolo... No destino de cada creatura, para seu soffrer eterno ou para sua eterna alegria, existe uma lagrima, a ultima, a que não nos é dado conhecer, que já se abeira do tumulto, e d'elle nos traz a amavel sensação de allivio. E são certas flores as portadoras da forma visivel desse fim, provocando, assim, nas creaturas, determinadas emoções revelladoras da sua proximidade. E, eu creio, a violeta é uma dessas flores predestinadas.

Mas, não philosophemos. Sejam os mais sábios. Falemos um pouco de ti. Que tens feito? E a minha ausencia? Pouco te faz soffrer, não é? Ainda bem. Eu, entretanto, longe de ti, não sinto a vida. Trago, a queimar-me o peito, uma grande saudade do meu amor. É que eu te amo mais do que a mim proprio. Colloquei o universo dentro do teu ser, e só por elle vivo e palpito. Encontrei, no mundo, a minha “pedra luminosa”... Na extinção da sua luz está a extinção da minha vida. E és tu a guardadora dessa minha pedra... Está nas tuas mãos, pois, a minha vida, a vida do teu,

para o sempre,

Francisco

CONJUNTO 11. b)

Maria,

A tua carta, fosse ella “medicinal”, e eu estaria curado do meu mal organico, como por ella estou de um mal sentimental... Interrogas... Direi: “Não é nada..”. Dirás: “São os nervos..”. Que sejam... O que importa é que eu o esqueça. E isto é facil, na fuga vertiginosa do tempo, que sepulta depressa as nossas emoções as mais vivas. Tudo passa na vida... E isso é um bem, que, não raro, esconde uma tristeza: a tristeza do fim... Falas na minha enfermidade. Culpas-te, injustamente, da minha recahida. Nada mais falso. Si há culpado, o unico sou eu. E nem sei se eu ou se a molestia mesma, por sua rebeldia.

Entretanto, estou resignado. Demais, quasi já tenho como natural esta posição, na cama, nada natural. É um estado anormal que se normaliza. Mas que Deus não permita que ella se effetive! E que Elle não ouça tambem tanta doidice. Tenho que, no tempo de quinze dias, estarei restabelecido, usando, como usarei, com um rigor religioso, os teus conselhos. “Tudo pela minha dama!” A vida, ou a morte! E, em amor, querida, o viver é morrer lentamente por elle.

E me advertes, com philosophia, que “a saúde é a maior riqueza”. Por isso mesmo que eu a despreso e a malbato. Eu sou liberal... Ah!... Perdoa-me, meu amor. Perdoa-me a ironia. Ella me attraiçoou, e fugiu pela penna. Não foi por querer.

Quando cheguei ao fim da tua carta, não fiz “cara feia”, mas sorri. E do meu sorriso cahiu um beijo que envolveu o teu nome, e vai vestida de amor a mão que o escreveu, a mão que tem o meu sonho,

o sonho do teu

Francisco

CONJUNTO 12

Maria,

Afastado de ti, mas não separado, que isso é impossível, eu soffro à míngua da sensação phisica do teu amor, sem as projecções affetivas do teu ser amante e amado. Que eu te amo muito! E sem a caricia de velludo dos teus olhos, sem o

perfume matinal e bom do teu corpo, sem o prazer amavel do teu contacto, sem a harmonia musical da tua voz, longe de ti, enfim, eu não vivo, porque tu és a fonte da minha vida. E eu vivo para amar. Vim ao mundo para não fazer outra cousa que não seja amar. E não só amar, mas sentir o amor. E esta é a maneira suprema de viver a vida, atravez do amor em todas as suas cambiantes de alegria e dor, prazer e amargura. E, eu creio, o amor é o mais alto motivo de viver dos homens. Nasceram delle, e por elle vivem.

Doente, criei o meu universo proprio, cheio de recordações de um passado na apparencia remoto, e tu és o centro desse universo. Para esse centro convergem todas as manifestações da minha vida, a vida do teu Francisco

PS.: Recebeste a minha carta datada de 24, 25 ou 26 do corrente? Responde-me.
30-09-1924.

CONJUNTO 13

Maria

Pensei ter coragem bastante para supportar tão longo tempo sem ver-te. No entanto, eu soffro. Minhas penas, a gemer dentro do meu peito, cantam a canção da dor. Vivo os meus dias a pensar em ti. E só a memoria trabalha. Nosso pequeno passado desenrola-se aos meus olhos. E a memoria põe-se então a allumiar os quadros mais vivos da minha historia romantica de rapaz simples e sentimental. E ella começa a dizer a legenda de cada um. Foi um olhar... foi um gesto... foi uma promessa... Naquelle manhã, no passeio de um jardim...as nossas mãos enlaçadas...Depois numa noite, uma rusga...uma lagrima...um perdão... E uma chusma de coisas mais que eu só poderei dizer de viva voz, explicadas pela expressão dos olhos e dos movimentos...

Amo-te muito, e mando-te todo o meu amor, toda a minha saudade, todos os meus desejos eternos.

Nada temas da Revolução. Os revolucionários, segundo noticias dos jornaes, estão acampados na fronteira de Matto Grosso com o Paraguay, e as forças legaes

estacionaram no Paraná para evitar a sua passagem para o sul.

Manda dizer-me a hora da missa em que vaes fazer a primeira comunhão.
Escrevo-te à pressa. Cláudio está à espera desta carta para colocá-la no Correio.

do teu Francisco

3-10-924

CONJUNTO 15

Maria,

Hoje direi de um pequeno desgosto que eu guardo. Não sei si tenho razão. Entretanto, dir-te-hei, de primeiro, que tu sabes amar bem à moderna, que tu me amas com sabedoria e com elegancia bem feminina.

Não sei si no que digo vae um excesso de engano. Assim acontecesse! Para meu sossego e felicidade. Talvez seja uma simples impressão sem correspondencia de verdade no fundo. Talvez seja uma illusoria sensação, aliás não bôa, que minta pela sua força de realidade, na apparencia. Bem pode ser. Tenho essa esperança, que me dá conforto. Porque, no fim de duas das tuas cartas, “forget me not”, “Mon plus grand doux souvenir”?

Na frieza dessas expressões estrangeiras não sinto o reflexo da tua alma. Bem vêes que na petulancia (perdôa-me o dito) um pouco litteraria desses termos não pode caber a sinceridade de um coração que ama cegamente. E o amor, quando não é cego, não é verdadeiro. Nelle entra o calculo, o equilibrio das conveniencias.

Como antes disse, eu quero crer: eu não tenho razão. E é justamente por isso que eu te perdôo. Eu te sei inocente desse pequenino “crime” que me magoou. Desse pequenino crime que me fez tão infeliz, uns dias, que foi a tortura sentimental do teu

Francisco.

9-X-MCMXXIV

CONJUNTO 16

Maria,

Minha alma em dor, timidamente, implora da tua bondade apenas um gesto, o maior de todos os gestos: o perdão. Um grande perdão estendido sobre mim por todas as coisas más que eu te fiz, por todas as tristezas que eu pus na tua vida, por todas as lágrimas que eu deitei nos teus olhos.

Eu soffro, tambem, porque amo demais, amo com tortura, e tanto! Que te faço soffrer... Essa é a minha maior dor! E quando choras, soffro ainda por não poder chorar contigo. Nos grandes soffrimentos, a minha alma como que se diviniza e toma a serenidade das cousas grandes. E a minha ancia, sublime, então, é de beijar esse pedaço de alma diluida que vem nas tuas lágrimas. Eu todo me espiritualizo diante da tua angustia, e sinto a minha alma tocar a tua alma, numa mysteriosa penetração. Nesse momento, nós vivemos num mundo irreal, longe das cousas deste mundo, longe dos homens, sentindo a eternidade do nosso amor, dentro de um sonho. E, nos nossos corações, tudo é doçura e bondade.

Por esse motivo, eu bendigo as tuas lágrimas, apesar da tua amargura, por essas horas de suprema sensação ideal, em que meu amor torna-se igual ao amor de Deus!

Eu soffro tambem! E o meu soffrimento é eterno, porque é o reflexo do meu amor. O meu amor é grande e doloroso. E é infeliz da sua propria grandeza. Ah! Si eu pudesse amar menos um pouco!...

O teu perdão!... Bem sei que me perdoas... Bem sei também que sabes perdoar: esquecendo...

Meu grande amor!

Do teu Francisco

24-X-MCMXXIV

CONJUNTO 19. a)

Maria,

Agora que a minha dor dóe menos, eu posso escrever-te, tendo consciencia do que sinto. O desvario, a que me arrastou o grande golpe d'alma de terça-feira, mudou-se em dolorosa resignação. Compreendo hoje, com toda a nitidez, o que apenas sentia antes, quando dominado, sem forças, pela divina loucura do amor.

Amar é soffrer. Soffrer, não tão só a dor, mas o prazer, a alegria, a vida! Soffrer a tortura que passou, a tortura que é, a tortura que virá. Soffrer a dor já adormecida no passado, pela memoria; soffrer a dor que nos espera no futuro, pela imaginação. Soffrer o mysterio de todas as coisas. Sofrer a ancia de um ideal de arte, que se realisa pelo amor, maxima manifestação da vida. Soffrer a incompreensão do Infinito. Soffrer a belleza que nos extasia. Soffrer a perfeição, que nos enleva e abate. Soffrer a fina melancholia dos crepusculos, na hora em que se ouve pelos olhos... Soffrer o esplendor das madrugadas cor de sangue. Soffrer a alucinação do movimento turbilhonante, expressão característica da vida moderna. Soffrer a piedosa illusão, dentro da enganosa apparencia das cousas. Soffrer o incognoscivel. Soffrer o inatingivel. Soffrer o impersecutavel. Soffrer a dor universal. Em summa, soffrer a vida. Soffrer... Assim é, para mim, a contemplação da belleza, a realização de um sonho de arte, toda revelação do amor, toda a manifestação da vida. Maravilhar-se deante da belleza, realisar um sonho de arte, emocionar-se ao contacto do amor, commover-se deante da vida, soffrendo sempre a deliciosa e divina tortura do goso.

Soffrer, mas bendizendo o soffrimento, pela sublimidade do motivo.

Assim eu amo, assim eu vivo.

Quanto ao nosso caso, acho que não devemos nos explicar. Que poderia eu dizer-te? Que me responderias tu? Si eu te explicasse, talvez rompessemos. E tu mesma me disseste que, por este preço, não querias explicação... Lembra-te?

E, depois, para explicar, eu teria que recordar certos detalhes amargos do meu passado; certos pedaços dolorosos da minha vida... Seria soffrer, tão cedo, de novo, a mesma dor.

Foi um simples incidente de amor, nascido, somente, de meu demasiado amor por ti.

Esquece-o.

E não mi o relembres nunca.

Do teu

Francisco

CONJUNTO 30

Maria,

Como já deves saber pelo meu phonogramma, regressei hontem do campo, onde estive durante mais de uma semana, encantando-me no deslumbramento verde e macio das paisagens, nos braços reconciliadores da natureza, debaixo da caricia acolhedora e bôa das arvores. Voltei com a alma lavada, pura como o perdão, alegre como a alegria. E com um desejo suave de fazer qualquer coisa que me trouxesse uma felicidade igual à que teve Jesus quando cobriu de perdão a cabeça dos seus algozes... Ou de ouvir qualquer coisa que me extasiasse, na magia do seu encanto. Esta ultima felicidade parece que vou ter. E talvez muito breve. Ella virá do sortilegio da voz de Zola Amaro, que teve a deliciosa bondade de aceitar o convite que lhe fizeram para cantar nesta cidade. Como estou contente!

Não deixes de me escrever, meu amor.

Sempre, sempre, sempre

Teu

Francisco

CONJUNTO 39

Maria,

Em tua carta de hoje, supposeste muita coisa para explicar o não recebimento da minha carta de dez e, entanto, não supposeste tudo. Deixaste até de fazer supposições mais acceitaveis, pelo para mim (sic), que aquellas que fizeste. Pensaste, antes de tudo (era natural...) numa exageração de castigo; depois, numa viagem imprevista; e, afinal, num outro qualquer motivo grandemente dominador. Erraste em todas as tuas conjecturas, em todas as tuas hyphoteses. Motivo grandemente dominador, viagem, exageração de castigo, nada disso houve. Nem pouca vontade de escrever, nem preguiça, nem falta de prazer, nem desejo de dizer-te qualquer coisa, illuminado pela ancia de receber de ti alguma coisa. Ao contrario: Foi ate radiante de felicidade que senti chegar o dia 8, que te escrevi, e tão anciosamente esperava já a tua resposta que nem puz, nessa carta, o dia em que devias esperar a outra... Em vez de te castigar, eu é que estava sendo

castigado... Porisso, foi com surpresa que soube do não recebimento da minha carta. Esta, como já disse, foi escripta e deitada na caixa postal, doa 8. Agora, para mim, as presumpções possiveis, admissíveis, verdadeiras, são estas: ou houve extravio ou interceptação. Tanto a primeira quanto a segunda hyphotese são acceitaveis. Mas, quem poderá saber qual fio a realisada? Em todo caso, a segunda é a menos difícil de ser verificada.

Essa “complicação” veio trazer-me o antigo temor na fragilidade do nosso plano. Eu tenho bem consciencia da sua inconsistencia. Receio que sejamos descobertos. Não que eu tema por mim. Eu temo por ti unicamente, que estás tão perto das criaturas que se preocupam tanto contigo e com as nossas cousas.

Porisso, dou-te uma sugestão prudente: cessarmos a nossa correspondência. Eu irei soffrer muito. Irei sentir mais desolada a minha solidão. Mas, é necessário. A vida, continuamente, exige do homem, para a sua felicidade, um novo sacrificio. Eu estou prompto a fazer todos os que me pedir. Irei fazer mais um.

Responde-me logo.

Do Francisco.

17-III-MCMXXVI